



Curso de Pós-Graduação Lato sensu em
**coordenação
pedagógica**



escola de gestores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

Cipriano Assunção Rodrigues PEREIRA

Indisciplina escolar na sala de aula: desafios ao fazer pedagógico do Coordenador

São Luís

2016

CIPRIANO ASSUNÇÃO RODRIGUES PEREIRA

INDISCIPLINA ESCOLAR NA SALA DE AULA: desafios ao fazer pedagógico do
Coordenador

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José dos Santos.

São Luís
2016

Pereira, Cipriano Assunção Rodrigues.

Indisciplina Escolar na sala de aula: desafios ao fazer pedagógico do Coordenador / Cipriano Assunção Rodrigues Pereira. – São Luís, 2016.

71 f.

Orientador(a): Maria José dos Santos.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Coordenador pedagógico. 2. Indisciplina. 3. Alunos. 4. Professores. I. Título.

CIPRIANO ASSUNÇÃO RODRIGUES PEREIRA

INDISCIPLINA ESCOLAR NA SALA DE AULA: desafios ao fazer pedagógico do
Coordenador

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Maria José dos Santos (Orientadora)

Profª. Ma. Doracy Gomes Pinto Lima

Profª. Dra. Mirian de Fátima Sousa Rocha

Aos meus filhos Genilson, Suzana, Mariana e
André Yuri, valiosos presentes de Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão maior da minha existência, a quem serei eternamente grato, por tudo de bom que me tem proporcionado, por ter me feito entender que tudo é possível àquele que crer, estou certo de que sem essa fé firme no Senhor, este sonho não teria se concretizado. Te agradeço, Senhor, pela inspiração e sabedoria na realização de mais um trabalho, desta natureza. Obrigado Meu Deus, por tudo!

À minha amada esposa Eulina Edna, mulher guerreira, companheira dedicada, em todo tempo, com suas palavras e gestos você faz valer todos os votos de amor incondicional, feitos no dia do nosso matrimônio. Obrigado por você assumir, sozinha, todas as responsabilidades pela liderança da nossa casa e da nossa família durante a minha ausência. Obrigado, meu amor!

Aos meus filhos, Genilson, Suzana, Mariana e André Yuri, bênçãos vindas de Deus em forma de pessoa. Obrigado por existirem, e por me fazerem esse paizão feliz que sou, a vocês eu dedico mais essa conquista pessoal e profissional. Amo vocês!

Aos meus pais, Raimundo Pereira e Maria José, que me fizeram reconhecer o valor da educação e acreditar que os ideais precisam ser perseguidos, que os sonhos só se tornam realidade quando não desistimos deles e que as oportunidades precisam ser buscadas por todos. A vocês, meus sinceros agradecimentos!

À escola campo de pesquisa, que me serviu de “laboratório”, com todo corpo docente e discente, nos fornecendo informações imprescindíveis, sem as quais não teria sido possível a realização deste trabalho. Obrigado a todos vocês pela ajuda que nos deram!

Faço um agradecimento especial à minha Orientadora Professora Maria José dos Santos que, com suas competentes orientações, se mostrou, durante todo o desenvolvimento deste trabalho, o próprio exemplo de uma relação professor-aluno saudável. Suas orientações foram de suma importância para a qualidade desta produção. Suas palavras de estímulo quando, por vezes achei que não ia conseguir, sua compreensão e tolerância quando, por inúmeras razões deixei de cumprir com as tarefas nas datas estabelecidas, me fizeram considera-la não apenas como orientadora, mas também como amiga a qual você se mostrou durante todo esse tempo. Obrigado Professora, muitíssimo obrigado!

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus colegas de turma, em especial os meus conterrâneos Magno Andris, Jakeline Rodrigues e Rita de Cássia, que acabaram se transformando meus irmãos. Obrigado por me fazerem companhia durante esse tempo todo, me aceitando como amigo. Jamais esquecerei de todas as alegrias e experiências profissionais compartilhadas, que certamente nos fizeram pessoas e profissionais melhores do que éramos. Obrigado por vocês fazerem parte da minha história de vida!

À nossa Tutora Sandra Maria Ferreira Alves, exemplo de pessoa e de profissional, que desempenhou sua função com maestria, mostrando-se competente, responsável e dedicada, nos mantendo sempre informados durante as dez Salas Ambientais e nos ajudando na hora das nossas dúvidas. Sem a sua ajuda teria sido bem mais difícil para nós. Obrigado pelas prestativas orientações e pela mediação entre nós e a UFMA. Parabéns Sandra, pela grande evolução no decorrer deste curso, você começou como uma simples tutora e terminou se tornando uma grande amiga de todos.

A todos os professores das dez Salas Ambientais, que com suas ricas experiências profissionais e conhecimento na área da educação, fizeram dos nossos encontros presenciais momentos ímpares de aprendizagem, certamente vocês também são responsáveis por essa conquista em nossa vida, por isso recebam o nosso carinho e gratidão!

A todos, amigos e familiares que, que no decorrer da minha vida me mostraram um gesto, me deram uma palavra de incentivo, apoio ou reconhecimento sobre meus projetos de vida, contribuindo direta ou indiretamente para que esse sonho se tornasse realidade. A todos, meu muitíssimo obrigado!!!

“Sem uma dose de utopia dentro da realidade viveremos a mediocridade de que fizemos nossa parte, sem nem mesmo ter começado”.

(Natalia Cristina Marciola Sganzella)

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre a Indisciplina Escolar na sala de aula, na perspectiva de alunos e professores, o qual tem se configurado num dos maiores desafios vivenciado por professor, gestores e coordenadores, do Brasil e do mundo, tanto nas escolas públicas como nas particulares e tem por finalidade, compreender as possíveis causas da motivação para a indisciplina observadas nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal, no município de Bequimão-MA. O diálogo com autores que são considerados referência no assunto, como Vasconcelos (1997), Aquino (1998), Garcia (1999), Golba (2009), Barbosa (2009), Fonseca (2014) e outros, ajudou a ampliar a discussão acerca da temática em questão, buscando identificar fatores internos e externos influenciadores do comportamento dos estudantes dentro do ambiente escolar, verificar as dificuldades dos professores em lidar com o problema da indisciplina na sala de aula e apontar estratégias de enfrentamento e prevenção dessa problemática, destacando o papel do coordenador pedagógico frente as situações de indisciplina e as dificuldades dos professores com o gerenciamento da sala de aula. Para isso, foi realizado um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados, o questionário com perguntas objetivas e subjetivas, e a observação, tomando como sujeitos oito professores e vinte alunos, da escola campo. Os dados coletados foram analisados, comentados e confrontados com as ideias dos autores que fundamentaram o debate. A relevância dessa pesquisa consiste na sensibilização de gestores, coordenadores, professores e alunos e outros integrantes da comunidade escolar sobre a importância do sistema de parceria no enfrentamento e prevenção dos problemas disciplinares.

Palavras Chaves: indisciplina, prevenção, alunos, coordenador pedagógico, professores, parceria

ABSTRACT

The present work approaches the School Indiscipline in the classroom, from the perspective of students and teachers, which has been configured in one of the greatest challenges faced by teachers, managers and coordinators, from Brazil and the world, both in public schools and In the individuals and aims to understand the possible causes of motivation for indiscipline observed in the classes of the final years of Elementary School, a school of the municipal network in the municipality of Bequimão-MA. The dialogue with authors who are considered reference in the subject, such as Vasconcelos (1997), Aquino (1998), Garcia (1999), Golba (2009), Barbosa (2009), Fonseca (2014) and others, To identify internal and external influencing factors of students 'behavior within the school environment, to verify teachers' difficulties in dealing with the problem of indiscipline in the classroom and to point out coping strategies and prevention of this problem, highlighting the role Of the pedagogical coordinator regarding the situations of indiscipline and the difficulties of the teachers with the management of the classroom. For that, a case study was carried out, using a qualitative approach, using as a data collection instrument, the questionnaire with objective and subjective questions, and observation, taking as subjects eight teachers and twenty students, from the field school. The collected data were analyzed, commented and confronted with the ideas of the authors who founded the debate. The relevance of this research is the awareness of managers, coordinators, teachers and students and other members of the school community about the importance of the partnership system in coping with and preventing disciplinary problems.

Key Words:Indiscipline, prevention, students, pedagogical coordinator, teachers, partnership.

LISTA DE SIGLAS

APM: Associação de Pais e Mestres

CME: Conselho Municipal de Educação

EJAI: Educação de Jovens Adultos e Idosos

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação e Cultura

PCP: Professor Coordenador Pedagógico

PDDE: Programa Dinheiro Direto na Escola

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação

PROEMI: Programa Ensino Médio Inovador

SEMED: Secretaria Municipal de Educação

TIC: Tecnologia da Informação e Comunicação

UEX: Unidade Executora

UIP: Unidade Integrada Paricatíua

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. (IN) DISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR: Fatores internos e externos.....	17
3. A INDISCIPLINA E A GESTÃO DA SALA DE AULA.....	28
3.1. Os professores e a indisciplina na sala de aula: desafios ao saber docente	28
3.2. O papel do Coordenador pedagógico frente as situações de indisciplina na sala de aula: algumas reflexões.....	33
4. A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA UNIDADE INTEGRADA PARICATÍUA: reflexões e alternativas de enfrentamento.....	39
4.1. Descrição do campo da pesquisa.....	39
4.1.1. Caracterizações Físicas e Históricas.....	39
4.1.2. A Estrutura Administrativa e Pedagógica.....	40
4.1.3. A Estrutura Financeira.....	42
4.1.4. As Relações Disciplinares.....	44
4.2. Os sujeitos da pesquisa.....	44
4.3. A análise dos resultados.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
APÊNDICE.....	65

1.INTRODUÇÃO

Em nosso país, assim como em outras partes do mundo, a indisciplina é uma realidade vivenciada, diariamente, por gestores, coordenadores pedagógicos, supervisores, professores e todos inseridos nesse contexto, e isso é muito evidente, basta atentar para as queixas dos professores nas reuniões pedagógicas coletivas e nas conversas com seus pares durante os intervalos e/ou analisarmos os resultados das inúmeras pesquisas realizadas nessa área.

Ao refletirmos sobre as causas desse problema somos remetidos, automaticamente, as ações comportamentais que caracterizam os atos indisciplinados, muito embora esse fenômeno não esteja limitado apenas a essa dimensão. Talvez por essa razão, constitua-se num assunto tão complexo, mas ao mesmo tempo, tão comum pela intensidade com que vem se manifestando no ambiente escolar e pela forma como vem sendo discutido no atual cenário educacional.

E é exatamente por essa complexidade, e pela intensidade com que os problemas disciplinares se manifestam na sala de aula, que “os professores se referem a este problema como um dos aspectos mais difíceis e perturbadores para quem leciona” (PICADO, 2009, p. 1).

Desse modo, a indisciplina é considerada um dos maiores problemas enfrentados pelos educadores, na atualidade, e o que é pior, “padecemos, mas não compreendemos o problema da indisciplina”, (VASCONCELOS, 1997, p.231), e por desconhecermos todas as suas causas, ficamos atrelados apenas à dimensão comportamental.

Mas, afinal de contas, quais são os fatores que influenciam no comportamento indisciplinar dos alunos na sala de aula? Como pode um aluno apresentar um comportamento indisciplinar com um professor e com outro, apresentar comportamento inverso? O que podemos fazer para combater e/ou prevenir esse, que é considerado um dos males deste século?

Essas e outras questões serão discutidas neste trabalho, o qual leva como tema **A INDISCIPLINA ESCOLAR NA SALA DE AULA**, que visa compreender as possíveis causas da motivação para a indisciplina observadas nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal, no município de Bequimão-MA.

E para aprofundarmos a discussão, estabeleceremos um diálogo com pesquisadores e estudiosos que são considerados referência no assunto, como Vasconcelos (1997), Aquino (1998), Garcia (1999), Golba (2009), Barbosa (2009), Fonseca (2014) e outros, que nos ajudarão a ampliar a discussão acerca da temática em questão.

A abordagem metodológica desta pesquisa dar-se-á numa perspectiva qualitativa, tendo como estratégia um estudo de caso, um dos métodos mais utilizados em pesquisas e isso “não ocorre por ser mais simples, mais fácil, sendo que a exigência de um planejamento e rigor científico são condições imprescindíveis” (MENEZES, 2009, p.131), para sua realização, desse modo, “bons estudos de caso são muito difíceis de serem realizados” (Yin 2001, apud Menezes 2009, p.131), mas optamos por esse método por entendermos que por meio dele será possível uma melhor compreensão da realidade pesquisada e do problema investigado.

Quanto à abordagem qualitativa, é válido enfatizar que a mesma “parte do princípio de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p.79), e esta pesquisa busca exatamente a compreensão da realidade sem, contudo, desconsiderar o contexto do campo de pesquisa e dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa de campo será realizada com oito docentes da escola Unidade Integrada Paricatíua, que representam a totalidade, os 100% dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) do turno vespertino, e uma amostragem de vinte alunos dessas turmas, sendo que o processo de seleção destes se dará por indicação dos professores que deverão usar como critério o grau de indisciplina, destacando os vinte alunos mais indisciplinados, nas suas concepções.

Quanto à coleta de dados, optamos pela utilização de dois instrumentos distintos, capazes de ajudar na realização da pesquisa qualitativa, que são o questionário e a observação, mesmo sabendo que a aplicação de questionário seja mais comum nas pesquisas quantitativas. No entanto, acreditamos que através desses instrumentos reuniremos o maior número possível de informações para compreendermos o problema investigado.

A observação se faz necessária neste trabalho como meio de confirmar as concepções dos sujeitos da pesquisa e, também porque “a observação é uma das mais

importantes formas de informações em pesquisa qualitativa em educação” (VIANNA, 2007, p.12).

Como defende o autor, a observação é importantíssima nas pesquisas qualitativas, e com certeza trará contribuições relevantes para o sucesso deste trabalho.

É interessante destacar que, a observação a que nos referimos será do tipo participante, conforme Moraes (2006), a qual se dará durante as reuniões pedagógicas coletivas, nos acompanhamentos das aulas e nos momentos individuais reservados ao planejamento, aos encaminhamentos e orientações pedagógicas, junto aos professores.

Quanto ao questionário, é válido enfatizar que é um instrumento bastante utilizado na pesquisa e muito importante nos trabalhos acadêmicos, pois ele serve para fazer sondagem e recolher informações relevantes sobre o tema que está sendo pesquisado, sem contar a facilidade que ele proporciona ao pesquisador, uma vez que se consegue atingir o público alvo num menor espaço de tempo.

Os questionários utilizados serão no formato impresso e classificados em dois tipos, conforme Gil (2008), o questionário aberto e o questionário fechado, os quais terão destinatários distintos, sendo que o aberto será utilizado para atingir os professores e o fechado para atingir os estudantes, respeitando as recomendações do autor acima referendado, que nos adverte para que “a linguagem utilizada no questionário seja simples e direta para que o respondente compreenda com clareza o que está sendo perguntado” (GIL, 2008, p.5).

Dessa forma, o presente estudo faz uma exposição sistemática, crítica e articulada, embasado em teóricos e pesquisadores da área, bem como em observações feitas durante quatro anos atuando como coordenador pedagógico na escola campo e nas experiências vivenciadas durante anos trabalhando como professor de ensino fundamental e médio nas redes municipal e estadual, buscando achar respostas para inúmeras indagações feitas por professores, gestores e coordenadores pedagógicos acerca da indisciplina.

O referido trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro, é a parte introdutória, com a apresentação do tema, dos objetivos e do referencial teórico no qual o trabalho está fundamentado. Faz, ainda, uma descrição da metodologia, que é o conjunto de procedimentos que, articulados numa sequência lógica, permitiram a consecução dos objetivos preestabelecidos, além disso, informa sobre os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa.

No segundo capítulo, levantamos a discussão sobre a indisciplina escolar no cenário nacional e internacional, enfatizando estudos realizados sobre o tema, e como essa problemática vem sendo abordada teoricamente, destacando alguns dos fatores internos e externos que influenciam no comportamento dos estudantes, dentro e fora do ambiente escolar.

No terceiro, discorreremos sobre a relação existente entre a indisciplina e a gestão da sala de aula, identificando as dificuldades dos professores em lidar com o problema e destacando o papel do coordenador pedagógico frente aos conflitos disciplinares da sala de aula.

E por fim, no quarto e último capítulo, destacaremos a caracterização da escola campo, enfatizando os seus aspectos físico, históricos e organizacionais e os sujeitos da pesquisa, com a análise dos dados coletados, estabeleceremos um paralelo com o referencial teórico estudado e só então daremos o nosso parecer final em relação a todos os aspectos apresentados e discutidos neste trabalho.

Desse modo, esperamos que essa pesquisa contribua significativamente para a compreensão da realidade da escola campo, além de possibilitar o aprofundamento de estudos sobre outras pesquisas realizadas, contribuindo assim, para a ampliação da produção científica existente, dedicada à temática e trazendo novos elementos para a discussão científica.

2(IN) DISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR: fatores internos e externos.

A indisciplina escolar na sala de aula não é um problema novo, conforme Picado (2009, p.1), “os problemas da indisciplina em sala de aula têm, desde os tempos imemoriais, importunado professores e administradores escolares”. E Vasconcellos (1997, p.227), acrescenta que:

Não se trata de um problema apenas brasileiro, apesar das peculiaridades encontradas aqui; temos relatos, por exemplo, de gangues estudantis que têm batido nos professores na França, do alto número de mortes nas escolas públicas americanas, fruto da violência, das consequências nefastas da rígida disciplina japonesa, levando ao suicídio e à falta de criatividade.

E ainda de acordo com o autor acima referendado, o problema da indisciplina atinge todas as etapas da Educação Básica, desde a Educação Infantil, perpassando pelo Ensino Fundamental, Ensino Médio e até mesmo no Ensino Superior.

Houve um tempo em que as séries finais do ensino fundamental foram alvo principal de reclamações; com o passar do tempo começou a surgir queixas das séries iniciais do ensino fundamental; atualmente tem surgido conflitos até na educação infantil, e em uma extremidade oposta, no ensino superior (VASCONCELLOS, 2009, p.56)

Como já deu para perceber, os problemas disciplinares, não estão restritos a uma ou outra classe social, a um ou outro país, a esta ou aquela escola, nem tão pouco a uma única etapa da educação, esses problemas não respeitam limites e são capazes de transpor muitas barreiras, tornando-se comuns a todos nós, e é por isso que,

A disciplina vem ocupando um espaço cada vez mais amplo no cotidiano escolar, ultrapassando a vínculos ao tipo de instituição (pública, privada ou comunitária), e também de localização geográfica (de centro ou de periferia, nas capitais ou no interior, urbanas ou rurais) (VASCONCELOS, 2009, p.55).

Daí é possível perceber a dimensão e a complexidade desse problema, que exige compreensão por parte dos estudiosos, pesquisadores e profissionais inseridos no contexto educacional, principalmente os professores e a equipe gestora, que inclui os gestores, os coordenadores pedagógicos e supervisores, os profissionais que convivem diariamente com os alunos, e o passo inicial é compreender o significado do termo indisciplina.

Mas para isso acontecer, é necessário esclarecer que é impossível entendermos o significado de indisciplina sem antes compreendermos o conceito de disciplina, pois são conceitos indissociáveis, tendo em vista que, só se concebe indisciplina a partir da falta de disciplina.

Se recorrermos ao dicionário, vamos ver que na maioria deles, a disciplina é definida como “obediência às regras, bom comportamento; regime de ordem imposto ou consentido pelos membros de uma coletividade, que tem por finalidade o bom funcionamento de uma organização” (TERRA, 2014, p.334), em nosso caso, a organização seria a instituição escolar. Já a indisciplina é conceituada, pelo mesmo autor, como a “falta de disciplina; desobediência, a regras estabelecidas, desrespeito; rebeldia, insubordinação” (TERRA, 2014, p.555).

Sendo assim, torna-se imperativo a necessidade de ir além dessa definição, pois a indisciplina é um fenômeno que precisa ser compreendido, mas essa compreensão deve se dar em seu sentido amplo, e de acordo com Garcia (1999), esse processo tem início quando se supera a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental, considerando-se seus principais planos de expressão, a saber, o contexto das condutas, o contexto dos processos de socialização e o contexto do desenvolvimento cognitivo e só então se deve passar a tratar das formas de manifestação, das suas causas e implicações.

Conforme foi enfatizado, a compreensão do fenômeno da indisciplina pressupõe a ampliação de sentido, superando a dimensão comportamental contemplada nos dicionários de língua portuguesa, que definem indisciplina como desobediência a regras estabelecidas, desrespeito e rebeldia e, só então, passaremos a compreendê-la em seu sentido geral.

À luz de Vasconcelos (1997), a indisciplina transcende os limites territoriais do Brasil, constituindo-se, num desafio enfrentado por educadores do mundo inteiro, tanto nas escolas públicas como nas privadas, e por ser um problema complexo,

Pede para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Ética, Política, Psicologia, Economia, História, Tecnologia, Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos (VASCONCELOS, 1997, p.229).

Como defende o autor, faz-se necessário a união de várias áreas do conhecimento humano para a compreensão do conceito de indisciplina já que o problema não se restringe apenas a dimensão comportamental como afirma (Garcia, 1999, p. 102), de modo que os conhecimentos pedagógicos são limitados ou insuficientes para a compreensão dessa problemática.

Golba (2009), por sua vez, levanta a discussão sobre os motivos da indisciplina escolar, numa perspectiva ainda pouco destacada nas pesquisas educacionais, porém, muito interessante, que é a perspectiva dos alunos. De acordo com essa autora, o conceito de

indisciplina deve ser discutido sobre quatro leituras teóricas distintas, para se compreender os motivos da sua manifestação no contexto escolar: a indisciplina como algo inerente ao comportamento humano, a indisciplina como uma construção social dentro das escolas, a indisciplina como um fenômeno de aprendizagem e a indisciplina como algo originado na relação professor-aluno.

A autora referendada afirma, ainda, que em alguns casos a indisciplina pode ser entendida como sinal de que algo está errado, diz ela, “neste caso a indisciplina estaria denunciando aulas desinteressantes, por conta de um currículo mal trabalhado, bem como falta de planejamento e de organização do professor e da escola em geral” (GOLBA,2009, p.9840).

Garcia (1999, p.104), corrobora com Golba (2009), quando declara que “na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina”. Por isso, Garcia (1999), sugere como forma de resolução do problema, a elaboração de uma diretriz disciplinar coletiva, que combine encaminhamentos preventivos e interventivos, além da apresentação de “uma postura comum entre os profissionais da escola” (GARCIA, 1999, P.105).

Desse modo, fica evidente que o problema da indisciplina pode sim, ser provocado pelo professor e pela escola, contudo, não queremos aqui inocentar o aluno e responsabilizar o professor por todas as formas de indisciplina manifestada no contexto da sala de aula, queremos apenas enfatizar que o problema pode ser desencadeado por diferentes fatores.

Por isso, “sentimos a necessidade de apontar para a mudança de enfoque: em vez de culpa, é preciso falarmos de responsabilidade” (VASCONCELLOS, 1997, p.241).

Aquino (1998), também, dá a sua contribuição analisando, detalhadamente, as supostas causas da indisciplina escolar, tais como: a estruturação da escola no passado, problemas psicológicos e sociais, a permissividade da família, o desinteresse pela escola, o apelo dos outros meios de informação e etc., visando à desconstrução das interpretações estereotipadas acerca dessas causas, principalmente por parte dos professores. No que se refere à estruturação da escola no passado e no presente, é inegável que, impactada pelas mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, a instituição escolar sinte-se impotente

quando a questão é lidar com alunos indisciplinados e, mesmo sendo difícil de aceitar, temos que admitir, a escola não tem conseguido acompanhar os avanços ocorridos no mundo, nas últimas décadas, e hoje em pleno século XXI, ainda esperamos receber alunos bem comportados, que fiquem sentados esperando a explicação sem questionar, e que jamais contrariem as normas estabelecidas no interior da instituição, ou seja, que tenham um comportamento militarizado, como se fosse possível idealizar e produzir um modelo padronizado de aluno, bem do nosso jeito, mas infelizmente isso jamais será possível, então o melhor que temos a fazer é seguir o conselho de Júlio Groppa Aquino, que adverte:

Abandonemos a imagem do aluno ideal, de como ele deveria ser, quais hábitos deveria ter, e conjuguemos nosso material humano concreto, os recursos humanos disponíveis. O aluno tal como ele é, é aquele que carece (apenas) de nós e de quem nós carecemos, em termos profissionais. (AQUINO, 1998, n.p.)

Como vemos, uma das causas do problema da indisciplina reside na própria escola e no professor que não têm conseguido acompanhar as transformações pelas quais a sociedade tem passado e, verdade seja dita, o professor e a escola não estão preparados para enfrentar esse desafio, e como não sabem o que fazer para solucionar o problema, jogam a culpa no aluno, mas conforme Aquino (1998, n.p.), “não é o aluno que não se encaixa no que nós oferecemos; somos nós que, de certa forma, não nos adequamos às suas possibilidades”.

Sendo assim, qual a alternativa para tornarmos o espaço da sala de aula em locus de aprendizagem e de gerenciamento de conflitos? O autor acima referendado aponta uma solução: “Precisamos, então, reinventar os métodos, precisamos reinventar os conteúdos em certa medida, precisamos reinventar nossa relação com eles, para que se possa, enfim, preservar o escopo ético do trabalho pedagógico” (AQUINO, 1998, n.p.)

Portanto, “além de constituir um problema, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico institucional” (GARCIA, 1999, P.101). Sendo assim, é de responsabilidade da escola a busca por soluções para esse problema, a fim de no mínimo, atender as expectativas da sua clientela, a começar pela reinvenção de suas práticas.

Os problemas psicológicos e sociais, também são apontados como causas dos problemas disciplinares, e estão diretamente relacionados às questões ou problemas familiares, e é classificado como um dos fatores externos, que exercem forte influência na vida escolar.

Como exemplo, podemos citar o caso daqueles alunos que vivem em uma família totalmente desestruturada com pais usuários de drogas, agressivos ou violentos, que não oferecem o mínimo de afeto e que deixam os filhos à mercê, de todos esses problemas, e como a família é o centro de convivência e espaço de formação básica do ser humano, os filhos acabam sendo afetados diretamente e o resultado disso é, na maioria das vezes, a reprodução de tal comportamento em outros ambientes de convivência, como na escola, por exemplo.

Outro exemplo observado, frequentemente, e confirmado nas escolas, é o crescente número de alunos que moram com os avós, e que tem pouco ou nenhum contato com os pais, e como os avós, geralmente, são mais “afetivos”, talvez até demais! E com esse excesso de afeto, tornam-se mais permissivos e assim acabam cedendo aos caprichos e realizando todas as vontades dos “filhos”, e em casos mais extremos, se tornam vítimas destes, pois os “filhos” não admitem não como resposta.

Então, como é possível, um aluno que nunca ouviu um não como resposta, que teve todos seus desejos realizados pela família, pode cumprir as normas estabelecidas pela escola, se não “sabe” que existem limites os quais precisam ser respeitados? Infelizmente a tendência desses alunos é manter esse comportamento e reproduzi-lo nas suas relações sociais/institucionais estabelecidas com seus colegas e professores e com a própria instituição escolar.

Não podemos esquecer aqueles casos em que o aluno mora apenas com a mãe ou apenas com o pai. No primeiro caso, na maioria das vezes, a criança, nem sequer conhece o pai ou então o filho mora com pai e mãe, mas a figura paterna é sempre muito ausente, e conforme Fonseca (2014), a ausência dos pais, (a autora está se referindo à figura masculina) sofrida pelos filhos, é um dos fatores que, provavelmente, ocasionam todos os aspectos negativos no ambiente familiar, mas, é claro que, não podemos incorrer no erro das generalizações.

Em relação ao segundo caso, certamente, a ausência da figura materna ou mesmo de uma figura feminina, no ambiente familiar, geralmente mais afetiva, poderá desencadear problemas de ordem psicológica e conseqüentemente, problemas disciplinares, pois conforme Aquino (2003) a indisciplina pode ter origem, também na falta de afetividade

Ainda segundo Fonseca (2014), outro fator que tem contribuído bastante para a indisciplina dos nossos alunos, gerado no meio familiar, é a tentativa de os pais compensarem sua ausência através de preocupações exageradas para atender aos desejos mais inadequados, compensando sua ausência de maneira errada. Essa compensação acaba distorcendo a educação e acentuando, ainda mais, o comportamento inadequado, levando os pais a perderem a autoridade educativa, gerando a indisciplina não só em casa, mas na rua e na escola, e essa permissividade da família pode, conseqüentemente, prejudicar a formação da criança, adolescente ou jovem, que crescerá sem limites.

Todavia, é bom lembrar que:

Não se pode sustentar, nem na teoria nem na prática, que as crianças padeçam de **falta generalizada de regra e limite**, embora esta ideia esteja muito disseminada no meio escolar. Ao contrário, a inquietação e a curiosidade infantis ou do jovem, que antes eram simplesmente reprimidas, apagadas do cotidiano escolar, podem hoje ser encaradas como excelentes ingredientes para o trabalho de sala de aula. Só depende do manejo delas (AQUINO, 1998, n.p., o grifo é nosso).

Conforme o autor, é preciso estar atento aos perigos das generalizações precipitadas e sem sustentação, pois cada caso é um caso, e é por isso que não podemos usar o resultado do estudo de uma situação para justificar os inúmeros casos de indisciplina com os quais nos deparamos diariamente no interior das escolas.

E agora o que fazer diante dessa situação? O primeiro passo é se reestabelecer as responsabilidades ao invés de ficar jogando a culpa ou a responsabilidade que é sua para o outro ou assumir e levar, sozinho, sobre os ombros, todas as responsabilidades.

Quando se chega a este momento de ver o que fazer, há uma tendência de ficar esperando que o outro resolva o problema. Cada segmento tem suas queixas e expectativas; se não forem devidamente explicitadas e debatidas, podemos ficar “patinando”, num desgastante processo de acusa-acusa, em vez de ajuda-ajuda. (VASCONCELLOS, 1997, p, 240)

Sobre a questão das responsabilidades, o que se ver, na prática é a inversão de papéis, ou seja, é “a escola sendo solicitada a fazer aquilo que seria obrigação dos pais, e os pais sendo solicitados a fazerem o que seria obrigação da escola” (VASCONCELLOS, 1997, p.240).

Em seu trabalho “A indisciplina e a escola atual”, Aquino (1998,), destaca a necessidade de se recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo os papéis dos pais (família) e do professor (escola). E a primeira coisa a se

compreender é que “família e escola não são a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra” assim como “o aluno não é filho e o professor não é pai”.

Desse modo, cada seguimento tem suas atribuições ou responsabilidades, isto é,

O trabalho familiar diz respeito à disciplinarização moral ou moralização da criança (introjeção das regras e, portanto, da constituição dos famigerados “limites”), essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. Atarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto, mediato” (AQUINO, 1998, n.p.)

Dito de outro modo, as duas instituições possuem funções distintas, apesar de haver alguns equívocos em relação a tais funções, como é o caso da inversão de responsabilidades, mas Aquino (1998), é categórico ao afirmar que:

No caso da família, o que está em foco é a ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos; no caso da escola, o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos de conhecimento em pauta (AQUINO, 1998, n.p.)

Na sua pesquisa de doutorado realizada em uma escola da periferia de Belo Horizonte, Silva (2007), destaca o papel da família e do professor no comportamento do aluno e em seu rendimento escolar, responsabilizando estes, pelo sucesso ou insucesso do processo ensino aprendizagem.

Já Garcia (1999), enfatiza a organização da escola como um todo como ponto fundamental para o sucesso do ensino. Nakashima (s.n.t.) declarou que:

A família precisa ensinar regras básicas ao aluno como comportamento, respeito ao outro, a importância da educação para a sua formação, etc. Por outro lado, a escola deve se organizar para cumprir de forma adequada a sua função, com regras claras aos alunos e seus profissionais. A falha no exercício dos papéis dos atores envolvidos pode comprometer a qualidade da educação, deixando-a trôpega

Sobre essa questão, Fonseca (2014), sintetiza todas as falas anteriores, fazendo uma convocação às duas instituições de suma importância na vida do ser humano, dizendo:

Cabe à família se conscientizar do seu papel formador e indispensável na vida de seus filhos e compreender que a escola não pode ser a única responsável pela formação deste indivíduo, embora caiba à escola orientar tanto o aluno quanto à sua família, tornando a comunicação entre professores, alunos e família um momento mediado e, sobretudo, estreito, para que possam existir parcerias e para que nenhum dos lados se sinta sobrecarregado no processo formativo deste indivíduo (FONSECA, 2014, p. 11)

Uma outra causa da indisciplina escolar, apontada por Aquino (1998), é o desinteresse pela escola, que pode ter causas diversas e é considerado um dos fatores

internos causadores dos problemas disciplinares podendo está diretamente relacionado com o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores.

E sobre essas razões ou causas pedagógicas, Golba (2009, p. 9838), em uma pesquisa do tipo etnográfico, realizada durante o Mestrado em Educação, envolvendo alunos do último ano do ensino fundamental, descreve a insatisfação desses alunos que afirmam que “ a indisciplina viria para denunciar a fragilidade da prática do professor, através principalmente, da ausência de planejamento e de organização das aulas, o que poderia, também, denunciar a fragilidade do currículo”.

Nesse caso, os alunos usam “a indisciplina como denunciante de práticas pedagógicas inconsistentes e frágeis”, ou seja, a indisciplina é usada para denunciar aulas desinteressantes (GOLBA, 2009, p. 9840).

Um outro motivo para essa falta de interesse dos alunos pela escola é, na visão de Vasconcellos (1997, p. 231), ocasionada pela “Crise de Sentido” que se manifesta de muitas formas na escola, “mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para os estudos por parte dos alunos”.

Essa falta de sentido atribuída ao estudo e à escola, está intimamente relacionada com outro fator causador da indisciplina escolar, segundo Aquino (1998), que é o apelo dos outros meios de informação, classificado na categoria dos fatores externos ao ambiente escolar.

Já se sabe que, os meios de comunicação exercem forte influência sobre os estudantes, até mesmo os da educação infantil que já nasceram nessa era das tecnologias e são capazes de dominar equipamentos tecnológicos que muitos adultos não conseguem, por medo ou talvez, por que ainda não tenha sentido a necessidade.

Hoje em dia, os alunos estão em contato permanente com diferentes meios de comunicação como, a televisão, o computador, os celulares de última geração, os tabletes, etc. que, além da difusão de informações podem proporcionar entretenimento e lazer, com momentos prazerosos de distração ou passa tempo para as crianças e jovens imersos nesse universo virtual.

Enquanto isso, a escola acaba perdendo prestígio e ficando em desvantagem em relação à mídia e com isso, torna-se ultrapassada e antiquada, e o que é pior, torna-se

desinteressante, e “ à medida que a escola se torna um espaço de desinteresse para a criança e para o jovem, esta perde sua principal função de transmissora e socializadora do conhecimento” Sganzella (2012, p.48).

Pois qual a necessidade que um aluno que não ver sentido nos estudos teria, ou tem para frequentar uma escola? Seria para buscar informação? Para fazer novos amigos? Procurar novos relacionamentos? Ou simplesmente para se divertir? Isso tudo ele consegue alcançar, facilmente, através dos recursos midiáticos, acessando as redes sociais como, o face book, o WhatsApp e outros disponíveis, sem precisar nem sair de casa.

Mas, a grande diferença, pontuada por Aquino (1998, n.p.) é que “enquanto as mídias têm como função primordial a difusão da informação, a escola deve ter como objetivo principal a reapropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber”.

Nessa perspectiva, Vasconcellos (1997), aponta-nos uma saída, quando declara que

O primeiro ponto é o resgate do sentido da tarefa educativa: **compreender o conhecimento como instrumento de transformação**. Resgatar o sentido do conhecimento. Conhecer para que? Para poder **compreender** o mundo em que vivemos, para poder **usufruir** dele, mas sobretudo para poder **transformá-lo!** Isto implica o professor tanto se compreender como sujeito de transformação, quanto ter clareza de que está participando da formação dos novos sujeitos de transformação (VASCONCELLOS, 1997, p. 243).

Diante desse cenário, só nos resta repensar nossas práticas pedagógicas, e fazer uso desses novos recursos disponíveis nesse contexto da revolução tecnológica, a qual a sociedade contemporânea está vivenciando, para despertar o interesse das crianças, adolescentes e jovens pela cultura do conhecimento, através do uso das TIC pois,

A escola é assim o lócus privilegiado para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sensitivas, afetivas e de sociabilidade das crianças e adolescentes, o qual, associado à utilização das TIC potencializa o processo de construção do conhecimento e de cidadania. Além de apoiar as práticas pedagógicas, as TIC significam um importante instrumento que propicia a interação entre os atores do processo educacional, ampliando ainda as fronteiras espaciais, atingindo interlocutores extramuros da escola, da cidade e quiçá do país. As TIC oportunizam ao estudante, não apenas o acesso ao conhecimento humano, disponibilizado em meio digital ou via interatividade (in) direta com autores e leitores, mas, principalmente, a produção e difusão de sua própria criação. Esses novos meios de comunicação, quando democratizados, acessíveis a todos, ensejam e dão voz e poder ao cidadão. (SETTE, 2005, p.2,3).

Como deu para perceber, o uso das TIC abre um leque de oportunidades para o trabalho pedagógico na sala de aula, podendo ser utilizadas como forma de apoio para as práticas pedagógicas, porém é válido enfatizar que:

A inserção do uso das TIC no cotidiano escolar deve ser tratada com atenção, requerendo apropriação dos instrumentos, conhecimento de seu potencial, clareza de seu papel, responsabilidade na proposição, participação da comunidade interna e externa à escola e compromisso, de todos os envolvidos no processo, na busca de uma educação com qualidade social (SETTE, 2005, p. 3,4).

Portanto, o segredo não está na simples inserção da tecnologia no cotidiano escolar, essa não é a nossa tábua de salvação, nem a nossa válvula de escape. Para que esse recurso possa ter resultados satisfatórios, precisa estar relacionado ao projeto político pedagógico da escola, pois a solução dos problemas educativos está no repensar, no ressignificar as práxis pedagógicas através do uso de novos recursos e de metodologias adequadas e não na máquina em si, como afirma Vasconcellos (1997).

Esse potencial dos recursos tecnológicos é, também, reconhecido pelas instâncias governamentais, como se observa abaixo, quando se ressalta que

[...] o emprego pedagógico do rádio e TV [...] amplia sobremaneira o acesso à informação, auxilia a formação do leitor crítico das diferentes mídias e possibilita a entrada na escola das discussões mais atuais, amplia a possibilidade de exploração de temas e de uso de formatos mais interessantes para a apresentação de informação (BRASIL, 2005, p.9).

Diante de todas as afirmações feitas pelos autores, podemos constatar que são necessários maiores investimentos por parte da escola e do professor, no que se refere ao desenvolvimento de projetos pedagógicos que utilizem as mídias, como recurso pedagógico, objetivando maiores impactos nos processos de aprendizagem dos estudantes.

Talvez os fatos, descritos até aqui, não tenham apontado nenhuma novidade em relação aos fatores responsáveis pela indisciplina escolar na sala de aula, mas, certamente provocou e provocará profundas reflexões ao confrontarmos os fatos apontados pelos pesquisadores com a realidade investigada.

De fato, não é nenhuma novidade afirmar que a indisciplina é um problema comum a todas as escolas, e uma questão amplamente discutida no atual cenário educacional, assim como também, não causa nenhum espanto dizer que esse fenômeno está intrinsecamente relacionado ao processo ensino aprendizagem dos estudantes nem, tão pouco, que essa problemática tenha se constituído num grande desafio, enfrentado por gestores, professores e coordenadores pedagógicos, em todas as esferas, níveis e modalidades de educação.

Se por um lado ouvimos os professores se queixando que os alunos não querem nada com a vida, que vão à escola apenas para bagunçar, que a família está muito ausente na educação das crianças, que as crianças chegam à escola sem limites, dentre outras. Então, temos aqui os professores apontando as possíveis causas da indisciplina e, nesse caso, toda culpa recai sobre o aluno e a família.

Por outro lado, ouvimos alunos reclamando das metodologias adotadas pelos professores as quais são caracterizadas como desinteressantes e desestimulantes, pois apresentam pouco ou nenhum recurso que desperte o interesse, a atenção e a vontade de aprender o assunto estudado, e não gostando da aula os alunos procuram uma forma de comunicar sua opinião, e quando manifestam seu descontentamento, são mal interpretados desse modo, passam a ser rotulados como indisciplinados. Visto por esse ângulo, os responsáveis pela indisciplina, são os próprios professores.

Como podemos ver, são várias as explicações dadas para o comportamento indisciplinar dos alunos na sala de aula, resultantes das interferências dos fatores internos e externos.

Foi possível observar, também, que existe uma intrínseca relação entre indisciplina e gestão da sala de aula e a grande maioria dos professores têm dificuldades para lidar com esse problema, necessitando, aí deve entrar em cena a figura do coordenador pedagógico, que segundo Fonseca (2014), é o grande responsável por gerenciar, coordenar e supervisionar todas as atividades relacionadas ao processo ensino aprendizagem, visando sempre a permanência e o sucesso do aluno.

É sobre a relação existente entre a indisciplina e a gestão da sala de aula e o papel do coordenador pedagógico frente aos conflitos disciplinares existentes na escola que passaremos a discorrer, a seguir.

3 A INDISCIPLINA E A GESTÃO DA SALA DE AULA

Jamais poderíamos falar de indisciplina sem fazer menção da relação professor-aluno no contexto da sala de aula. Mas, qual é a ligação existente entre a gestão da sala de aula e os atos indisciplinados manifestos pelos alunos, dentro desse espaço de convívio social? Será que todos os professores têm clareza do conceito de gerenciamento de sala de aula e sabem o que fazer para garantir que seus alunos estejam motivados e participem ativamente do processo ensino aprendizagem? Em que o coordenador pedagógico pode contribuir para ajudar o professor no seu fazer pedagógico? Esses e outros questionamentos serão a base para a nossa discussão, neste capítulo.

3.1 Os professores e a gestão da sala de aula: desafios ao saber docente

Embora pareça que não haja uma relação direta entre indisciplina e gestão da sala de aula, por serem temas, às vezes, situados em subcampos diferentes, dentro da pesquisa acadêmica, existem estudos feitos por diferentes autores que comprovam a intrínseca relação que há entre esses dois temas, além das inúmeras pesquisas realizadas em escolas públicas brasileiras, cujos dados revelam que muitos alunos são indisciplinados por que o professor não consegue gerenciar sua turma.

Esse fato pôde ser percebido nesta pesquisa, realizada com alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal na cidade de Bequimão, onde foi detectado casos de alunos que apresentam comportamentos indisciplinados com determinado professor, mas o mesmo aluno é apontado por outros professores como excelente aluno, daí pode-se chegar à conclusão que a causa da indisciplina pode estar relacionada a gestão da sala de aula desse professor, que ainda não conseguiu estabelecer uma boa relação com seus alunos.

Por isso, é importante que se reconheça a relevância da dinâmica relacional do docente com seus alunos, pois quando o professor tem um bom relacionamento com a turma, é menos provável a manifestação dos atos indisciplinados e o ambiente da sala de aula torna-se mais acolhedor, prazeroso e propício às aprendizagens.

E o professor é um dos responsáveis pela promoção e condução dessa dinâmica. Independentemente da etapa da educação que atua, da educação infantil ao ensino médio, o

professor deve ver seu aluno como um sujeito capaz de interagir e contribuir no processo de construção do conhecimento, considerando que a sua função docente não se restringe apenas a função de transmissor de informações ou de conhecimentos, é o que nos afirma Fonseca (2014), quando declara que:

A relação professor-aluno é fundamental em todos os níveis e modalidades de ensino. Através dela o aluno pode ser motivado a construir seu conhecimento. A relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. (FONSECA, 2014, n.p.)

Um outro fator observado, com muita frequência, em relação aos professores, se refere à compreensão que têm do conceito de gestão da sala de aula, que muitas vezes pode ser confundida com a manutenção da boa conduta, dentro desse espaço, conseguida a qualquer custo, por excesso de repressão, por autoritarismo, ou pela imposição de regras rígidas. Enquanto que, gerenciar bem uma sala de aula é garantir que os alunos se mantenham sempre motivados, focados nas tarefas e sobretudo, aprendendo, por meio das diversas metodologias utilizadas pelos educadores.

Conforme Silva (2016), a prática docente divide-se em duas funções: a gestão da matéria e a gestão da sala de aula. Dito de outro modo, para ser considerado um bom professor, além do domínio do conteúdo a ser ensinado, o professor precisa dominar as boas técnicas capazes de manter a turma interessada e participativa no processo ensino aprendizagem, dessa forma, uma sólida formação acadêmica nem sempre garante um bom desempenho do docente em sala de aula.

Como já deu para perceber, são muitas as exigências que recaem sobre o professor, no atual cenário educacional brasileiro, e a cada dia torna-se mais difícil seguir essa profissão, é o que declara Vasconcellos (1997, p.230), “ ser dador de aula, tomador de conta de aluno é fácil, mas ser professor, no seu sentido radical, não é fácil não”.

Nessa perspectiva, o professor passa a ser visto como o grande responsável pelo bom andamento das atividades escolares, afinal de contas, ele é o líder e a maior autoridade na sala de aula e quando o trabalho não estiver dando certo, cabe a ele a busca por melhores estratégias para que seus alunos aprendam e, também para o seu crescimento profissional.

Assim, diante de tantas exigências do mercado, que procura profissionais cada vez mais capacitados, não se pode mais conceber um docente sem domínio de classe, caso contrário, será impossível realizar um trabalho eficaz, é o que assegura Vasconcellos (2009.p. 24), quando diz que “caso o docente não apresente domínio sobre a indisciplina, ou até mesmo, não busque meios e instrumentos para construí-la em sala de aula, todo o seu trabalho pode ficar comprometido”.

Mas, é considerado crescente, o número de professores com esse novo perfil, ou seja, profissionais preocupados com a gestão do conteúdo e com a gestão da sua sala de aula e que aproveitam todas as oportunidades de aprendizado que surgem, sejam elas dos princípios teórico-metodológicos adquirido na sua formação inicial e continuada; das práticas já realizadas por seus colegas de profissão e das inúmeras sugestões disponíveis nos sites de pesquisas, dedicados a essa temática, etc. e é esse conjunto de estratégias de ensino, que lhes ajudarão no efetivo gerenciamento da sala de aula.

Todavia, é válido enfatizar que, o efetivo gerenciamento da sala de aula, não se trata da criação de nenhum sistema de punição e recompensa, mas resguardar que todos os alunos estejam ativamente envolvidos nas tarefas propostas, e quando isso acontece o professor previne as questões que desestabilizam o gerenciamento da sala, antes mesmo que elas ocorram, isto é, torna-se proativo e deixa de ser reativo, pois como diz o provérbio popular, “prevenir é o melhor remédio”.

Mas, são muitas as situações conflituosas com as quais o professor se depara, diariamente, e diante de tais situações, sente-se impotentes para contorná-las, e é capaz de apelar para tudo, até mesmo se livrar do aluno-problema, é o mais cômodo para ele no momento, achando que tirando o aluno da sala, e encaminhando-o à coordenação pedagógica ou à direção estará se “livrando” do problema, esse método, muito comum nas escolas, é denominado por Vasconcellos (1997), como a “síndrome do encaminhamento” e na visão de Fonseca (2014, n.p.),

“Essa atitude provoca desconforto entre ambos, porém cada um com suas razões. O aluno se sente acuado ou envergonhado por ter que se retirar da presença dos colegas e do professor sem poder se explicar, e o professor que na sua falta de paciência, não se dá a oportunidade de ouvir, as explicações deste aluno. Todo esse desconforto gera uma distância nas relações. Causando uma visão negativa e uma formação de opinião errada entre ambos”.

Sem dúvida nenhuma, esses conflitos precisam ser resolvidos, e quanto mais cedo melhor, mas, com certeza, essa não é a forma mais recomendada para se fazer isso. Quando o professor retira o aluno da sala de aula por causa da sua indisciplina ele pode estar revelando ao aluno a sua incapacidade de gerenciar sua turma. Então o que fazer para resolver esse dilema? A quem recorrer nesse momento?

Os conflitos entre alunos e professores devem ser enfrentados, antes de mais nada, por eles próprios. Para isto, o professor deve ter condições de, por exemplo, entabular uma conversa mais particular com algum aluno, se as providências em sala de aula não foram suficientes para resolver o problema. Se a escola não tiver outra possibilidade, no limite, consideramos ser preferível, então, um membro da equipe ir para a sala e o professor sair com o aluno para ter o diálogo (VASCONCELLOS, 1997, p. 249).

Na concepção do autor, os problemas disciplinares devem ser resolvidos, mas de uma forma inteligente, e o professor precisa estar preparado para solucionar esses problemas rotineiros, e superar a síndrome do encaminhamento, pois “ de que adianta o professor ficar encaminhando os alunos-problemas para a orientação educacional, por exemplo, se o foco do conflito está em outro lugar? ” (VASCONCELLOS, 1997, p.249).

Na concepção de Vasconcellos (2009), o professor que terceiriza a questão da disciplina e da aprendizagem não conseguirá estabelecer uma relação de respeito mútuo, convivência pacífica e até mesmo desenvolver um processo ensino aprendizagem eficiente.

Nesse entendimento, os problemas de relacionamento professor-aluno devem ser resolvidos, preferencialmente, pelos envolvidos, o que não anula a possibilidade de participação da equipe gestora no caso, mas apenas para os casos mais graves, aqueles costumeiros são de responsabilidade do docente, é o que nos afirma Garcia (1999, p. 106).

Aos professores deve ser delegada a responsabilidade para lidar com as questões disciplinares de rotina; as questões mais sérias devem ser tratadas em parceria com as pessoas ou grupo responsável pela orientação disciplinar (pedagógica). É necessário, portanto, que os professores desenvolvam e conquistem maior autonomia para lidar com a indisciplina de sala de aula. Isto não significa deixá-los a sós com a indisciplina de sala de aula, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico em situações de intervenção da equipe de apoio pedagógico.

Aqui o autor, chama a atenção para a importância da parceria entre os profissionais que compõem o corpo docente e a equipe de apoio pedagógico na busca por

soluções para as questões disciplinares, mas deixa evidente que, para a parceria dar certo, é preciso que cada membro dessas equipes assuma suas responsabilidades.

E o professor além de ser responsável pelo combate à indisciplina, é responsável também pela sua prevenção, e uma das formas de evitar que os atos indisciplinados se manifestem no espaço interno da sala de aula é tornar a aula um momento prazeroso e interessante, capaz de chamar a atenção dos alunos, assim não sobrar tempo para indisciplina.

E o professor sabendo que o desinteresse pelos estudos é um dos fatores que contribuem para que a indisciplina se manifeste com frequência, é sua tarefa despertar o interesse e aumentar a motivação para aprender, e a melhor forma de fazer isso é através da conexão entre os conteúdos disciplinares e a realidade vivida pelos alunos, de modo que a aprendizagem seja significativa.

Então, a questão primordial aqui é, o professor fazer com que os alunos queiram aprender, é dele a responsabilidade de criar um ambiente facilitador para o aprendizado, muito embora se saiba que não existe uma receita mágica, que garanta sucesso absoluto no que se refere a gerenciamento de sala de aula, mas existem muitas dicas que podem facilitar o desempenho do professor nesse sentido.

Nas orientações dadas no seu Minicurso de Gestão da sala de aula, recebido gratuitamente e disponível no site www.sosprofessor.com.br, a Pedagoga, Psicopedagoga e Neuroeducadora Roseli Brito, relaciona 25 dicas que, se praticadas diariamente, trarão resultados positivos no relacionamento professor-aluno e ainda colocará o nome do docente no hall da fama junto aos alunos, pais e gestão da escola, de acordo com a referida autora:

1. Aprenda o nome dos seus alunos;
2. Lembre a data de aniversário deles;
3. Pergunte como eles estão e/ou como se sentem;
4. Olhe nos olhos quando conversar com eles;
5. Ria junto com eles;
6. Diga-lhes o quanto você gosta de estar com eles;
7. Encoraje-os a pensar grande;
8. Incentive-os a persistirem e celebre os resultados;
9. Compartilhe do entusiasmo deles;

10. . Quando estiverem doentes envie uma carta ou um bilhete;
11. . Ajude-os a tornarem-se experts em algo;
12. Elogie mais e critique menos;
13. Converse a respeito dos sonhos ou do que os afligem;
14. Respeite-os sempre;
15. Esteja sempre disponível para ouvi-los;
16. Apareça nos eventos que eles realizarem;
17. Encontre interesses em comum;
18. Desculpe-se quando fizer algo errado;
19. Ouça a música favorita deles com eles;
20. Acene e sorria quando estiver longe;
21. Agradeça-os;
22. Deixe claro o que você gosta neles;
23. Recorte figuras artigos de revistas que possam interessá-los;
24. Pegue-os fazendo algo certo e cumprimente-os por isso;
25. Dê-lhes sua atenção individual.

Essas 25 dicas, com certeza, não são a receita mágica para resolver o problema da indisciplina em sala de aula, mas Brito afirma que elas traduzem a essência do que é criar um relacionamento baseado no amor e no respeito, e não na nota bimestral.

3.2 O papel do coordenador pedagógico frente as situações de indisciplina e as dificuldades dos professores com o gerenciamento da sala de aula.

Atualmente o coordenador pedagógico é um dos profissionais de maior importância no trabalho escolar, para Libaneo (2004), ele é o responsável pela viabilização, integração e articulação do trabalho pedagógico, estando sua função, diretamente relacionada com o trabalho desenvolvido pelos professores, tendo junto ao corpo docente, a responsabilidade com a assistência didática pedagógica, mas isso nem sempre foi assim.

Analisando o contexto histórico da educação em nosso país, é possível perceber, em tempos não muito distante, a ausência ou inexistência da figura do coordenador pedagógico. E mesmo quando este passou a existir não possuía essas características que possui na atualidade. Mas, a história aponta para inúmeras reformas educacionais ocorridas no

Brasil, nas últimas décadas, das quais destacamos aqui o novo enfoque dado a esse profissional, o qual passa a ser visto, “como uma assessoria permanente e continuada ao trabalho docente”, conforme veicula Lima e Santos (2007, p, 79).

Por isso, é considerado um dos atores de suma importância no cenário educacional, um dos mais importantes, eu diria, pelo fato de desempenhar variadas funções, todas de grande relevância para o bom andamento das atividades dentro da comunidade escolar.

De acordo com Piletti (1998) apud Lima e Santos (2007, p.79), as funções desempenhadas por esse profissional podem ser classificadas em quatro dimensões, a saber:

- a) acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação;
- b) fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional;
- c) promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo;
- d) estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem.

Conforme os autores referendados, o coordenador é o grande responsável pela articulação das relações interpessoais existentes na escola: relação professor-coordenador, relação professor-aluno, relação professor-gestor, relação professor-professor e relação escola-comunidade.

No entanto, mesmo com tantas reformas e mudanças na área educacional, na prática, ainda existem muitas divergências em relação as reais atribuições do coordenador pedagógico, tanto é que,

Muitas atividades realizadas pelo PCP no dia-a-dia das escolas não são atribuições da função e poderiam ser realizadas por outros sujeitos presentes na estrutura escolar, liberando o coordenador para atividades especificamente pedagógicas. Em muitas escolas o PCP realiza atividades que lhe são “empurradas” no dia-a-dia, como por exemplo, o cumprimento de funções que correspondem ao diretor ou secretário de escola, inspetor de alunos, servente e outros. (FERNANDES, s/d, p.5).

Como dá para perceber, a importância da pessoa do coordenador pedagógico é indiscutível, o que de fato precisa ser mais debatido e compreendido são suas atribuições, as quais na concepção da autora, citada a cima, devem estar voltadas para as atividades especificamente pedagógicas como ajudar o professor a superar suas dificuldades.

Nessa perspectiva, o coordenador passa a ser visto com outros olhos, assim, o que por muito tempo foi visto como “inimigo”, como fiscalizador, como aquele que aponta os

erros, que faz cobranças e que pouco contribui, agora passa a ser visto como imprescindível, como amigo dos professores, como parceiro da escola e da comunidade em geral.

Mas afinal de contas, quais são as atribuições do novo e bom coordenador pedagógico em relação as questões disciplinares? Como ele pode contribuir com os professores no enfrentamento desse problema crucial vivenciado pela escola?

Podemos afirmar aqui, que são muitas as atribuições do coordenador pedagógico, incluindo, desde a assessoria aos professores em sua formação continuada e nas suas dificuldades em sala de aula como, por exemplo, as questões disciplinares, e os problemas de gerenciamento da turma, estendendo-se até a organização dos eventos promovidos pela escola, dentre outras.

Porém neste trabalho, não temos a intenção de estender a discussão sobre todas essas funções, vamos nos ater, apenas, às funções relacionadas à indisciplina e à gestão da sala de aula, por ser esse o tema de nosso interesse no momento e, também, para não desviarmos o foco do objetivo a que esta discussão se propõe que é destacar a função do coordenador frente aos problemas disciplinares.

Mas, é interessante que fique esclarecido que, o coordenador pedagógico não pode ser entendido como o “salvador da pátria”, como a pessoa responsável pela solução de todas as situações que surgem no interior da escola, pois como explica Lima e Santos,

Não se trata de imaginar que cabe ao coordenador sozinho realizar tantas tarefas, mas de compreender que este, estando a serviço do grupo no encaminhamento dos objetivos de buscar a superação dos problemas diagnosticados, possa promover a dinâmica coletiva necessária para o diálogo (LIMA E SANTOS, 2007, p. 84)

Outro esclarecimento pertinente é que nem todo mundo pode desempenhar a função de coordenador. Além dos requisitos técnicos básicos exigidos pela legislação educacional vigente, é necessário preencher os requisitos que aqui chamaremos de práticos pedagógicos, ou seja, para ser um bom coordenador, o candidato precisa antes de tudo, ser um bom professor, com experiência de sala de aula, que tenha uma boa percepção da realidade, seja atuante e comprometido com a melhoria da educação, pois ele será um referencial para os professores e juntamente com estes, buscará as soluções para os problemas que surgirem, tendo como meta em comum, propiciarem aos estudantes o desenvolvimento de habilidades necessárias para a vida em sociedade, um dos propósitos da educação brasileira.

Um terceiro fator a se considerar é que, o coordenador pedagógico não é o único responsável pela resolução dos conflitos que surgem na arena da escola, tendo em vista que os problemas escolares dizem respeito a todos os atores da educação, e devem ser resolvidos em

parceria, pois para a escola alcançar os objetivos a que se propõe, ela “precisa da contribuição de vários profissionais especializados: professores, equipe pedagógica, direção, coordenação, orientação, equipe de apoio. A organização da escola é competência de todos - dentro e fora da sala de aula” (PIMENTA, 1993, p. 80).

E esse entendimento deve ser desenvolvido, primeiramente, pelo coordenador pedagógico, sendo que ele próprio,

Deve sensibilizar seu saber-fazer de maneira a não unilateralizar as tomadas de decisão, como se tivesse todas as respostas para os encaminhamentos pedagógicos e resoluções de conflitos que inquietam a equipe docente (LIMA E SANTOS, 2007, p.78).

Na visão dos autores a cima citados, o coordenador nessa sua função de assessorar o professor até pode incentivar, orientar, ajudar e acompanhar, mas não tem como apontar, sozinho, as soluções para todos os problemas que angustiam o corpo docente, pois essas soluções devem ser buscadas e discutidas na coletividade.

Então, sabendo-se da importância que tem o coordenador pedagógico, bem como da necessidade do desenvolvimento de um trabalho coletivo para o êxito das atividades desenvolvidas pela escola,

Há que se buscar, portanto, um outro olhar acerca da relevância do trabalho do coordenador pedagógico na escola, mediado pelo equilíbrio de suas atribuições como um dos eixos imprescindíveis às práticas pedagógicas sistematizadas onde cada um e todos se tornam corresponsáveis pelo processo ensino-aprendizagem (LIMA E SANTOS, 2007, p. 81).

Sendo assim, o coordenador é a pessoa indicada para ajudar o professor na hora das intervenções pedagógicas, mas, “não só para mediar as situações de conflito, mas para investigar as razões que traduzem os comportamentos indisciplinados, entendendo de onde se originam, bem como essas ações comportamentais influenciam na aprendizagem do aluno” (FONSECA, 2014, n.p.). Mas isso, não pode, de forma alguma, servir de desculpa para que o professor não assuma sua responsabilidade em sala de aula.

Então, o coordenador passa a ser visto, apenas como “agente facilitador e problematizador do papel docente no âmbito da formação continuada, primando pelas intervenções e encaminhamentos mais viáveis ao processo ensino-aprendizagem (LIMA E SANTOS, 2007, p. 83)

É importante frisar que, como agente facilitador, o coordenador deve levar os professores a mobilizarem seus conhecimentos técnicos para uso prático. Ele incentiva, mas é o professor que tem que ser sujeito da história pedagógica de sua classe e de sua escola, não pode ficar sonhando com alunos ideais, com uma turma disciplinada e não fazer nada para,

que isso aconteça, muito menos esperar que o seu coordenador pedagógico esteja sempre disponível para resolver todos seus problemas.

Em vista das afirmações anteriores, vale acrescentar que o coordenador não pode e não deve estar sozinho nessa empreitada, ele é apenas um dos agentes de mudança, como explicita Fonseca (2014):

O coordenador pedagógico pode ser **um dos agentes** de mudança das práticas dos professores mediante articulações externas que realiza entre estes, num movimento de interações permeadas por valores, convicções, atitudes; e por meio de suas articulações internas, que sua ação desencadeia nos professores, ao mobilizar suas dimensões políticas, humano-interacionais e técnicas, reveladas em sua prática (ALMEIDA, 2001, apud FONSECA, 2014, n.p., o grifo é nosso).

Como bem destacou a autora, a ação do coordenador pedagógico através das articulações com o meio interno e externo deve objetivar, entre outras coisas, despertar no professor o desejo por mudança na sua postura, na forma como se relaciona com seus alunos e no modo de ver a escola e tudo isso resultará em melhoria da sua prática profissional, até alcançar os requisitos que na concepção de Vasconcellos (1993) devem ser exigidos de um professor, isto é, que seja humano nas relações e competente no saber e não simplesmente um disciplinador.

Segundo Orsolon (2003) apud Mercado (s.n.t.), algumas atitudes do coordenador são capazes de desencadear mudanças no cotidiano da escola, que aqui podemos definir como suas principais atribuições:

- Promover um trabalho de coordenação em conexão com a gestão escolar, discutindo que a integração é o caminho para a mudança, por isso o planejamento do trabalho pedagógico deve acontecer de forma participativa e democrática;
- Realizar o trabalho pedagógico de forma coletiva, defendendo que a mudança só acontece se todos se unirem em torno de um objetivo único;
- Mediar a competência docente, considerando os diferentes saberes, experiências, interesses e o modo de trabalhar dos professores, criando condições para intervenção e auxílio;
- Desvelar a sincronicidade do professor e torná-lo reflexivo, criando condições que levem o professor a analisar criticamente os componentes políticos, inter-relacionais, sociais, culturais e técnicos de sua atuação;

- Investir na formação continuada do professor, de forma reflexiva, problematizadora e investigativa, transformando-a sob a direção do Projeto Político Pedagógico da escola;
- Incentivar práticas curriculares inovadoras, propondo aos professores a descoberta de novas práticas, que acompanham o processo de construção e vivência do ato de ensinar e aprender;
- Estabelecer parceria com o aluno, incluindo-o no processo de discussão e planejamento do trabalho pedagógico. Criando oportunidades/espços para que os estudantes participem com opiniões, sugestões e avaliações do processo educativo;
- Criar oportunidades para o professor compartilhe suas experiências, ao incentivar que o professor se posicione de forma integral e aprendiz em relação a dinâmica da escola;
- Procurar atender às necessidades e desejos de todos que compõem a escola, o coordenador precisa estar sintonizado com os contextos social, cultural e educacional da escola, captando as necessidade e anseios da comunidade escolar;
- Estabelecer parcerias, possibilitando a tomada de decisões, o comprometimento de todos no rumo da transformação do contexto educacional;
- Propiciar situações desafiadoras, novas propostas de trabalho ou as ações que provoquem a reflexão e o interesse pela mudança.

As várias ações mencionadas a cima, convergem para um mesmo ponto, e têm objetivos comuns entre si, isto é, primam pelo desenvolvimento de um trabalho coletivo, valorizam a formação continuada do corpo docente e buscam a criação de um ambiente participativo e democrático, estando nas mãos do coordenador a liderança dessas atividades, pois cabe a ele “planejar, coordenar, gerir, acompanhar, intervir e avaliar todas as atividades pedagógicas e curriculares da escola” (MERCADO, s.n.t.).

Mediante o que já discutimos até aqui, fica evidente que é imensa a responsabilidade que recai sobre o coordenador pedagógico e, todas as funções desempenhadas por esse profissional devem ter um único objetivo, a melhoria no processo ensino aprendizagem dos estudantes, mas para isso ele precisa contar com a contribuição dos docentes, dos discentes, do gestor da escola e da comunidade em geral, ou seja, é necessário que haja um trabalho coletivo.

4 A INDISCIPLINA NA SALA DE AULA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA UNIDADE INTEGRADA PARICATÍUA: reflexões e alternativas de enfrentamento.

4.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

4.1.1 Caracterizações Físicas e Históricas

A Unidade Integrada Paricatíua é uma escola de subordinação jurídico-administrativa municipal, edificada na Avenida Jorge Defensor Rodrigues, zona rural do município de Bequimão, no povoado Paricatíua.

Não se sabe ao certo a data de inauguração do prédio, mas sabe-se que ele existe há décadas, e isso é bastante visível, basta observar na sua estrutura física obsoleta e fora dos padrões das escolas mais atuais, com salas pequenas e pouco arejadas, banheiros com aparelhos sanitários rústicos, além da falta de um espaço para recreação, eventos e/ou reuniões promovidos pela escola.

Seu prédio de alvenaria foi inicialmente inaugurado com o nome de Escola Municipal Presidente Dutra, em homenagem ao presidente da República Eurico Gaspar Dutra. Nessa época a escola possuía uma estrutura física pequena, composta por um pátio e três salas de aula, das quais duas serviam como residência da professora Severina Pinheiro Castro (em memoriam), que atuando como professora polivalente, atendia aos alunos da Educação Infantil e das series iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma multisseriadae em um único turno, além de exercer funções de Gestora e zeladora.

Algumas décadas após sua inauguração, a escola passa por sua primeira reforma e ampliação, e além de mudanças na sua estrutura física, a mesma sofre mudança no seu nome, a qual passou a se chamar Escola Municipal Juscelino Kubitschek, para homenagear o presidente da República Juscelino Kubitschek e agora a comunidade podia contar com uma escola de três salas de aula e uma secretaria, além do aumento do número de funcionários, ou seja, três professoras e uma auxiliar de serviços gerais.

Já em meados dos anos 80 houve uma nova ampliação em sua estrutura física, passando a conter uma varanda, quatro salas de aula, uma secretaria, seis banheiros, uma cantina e um depósito, estrutura que mantém até a atualidade. Nessa ocasião, a escola volta a

se chamar Unidade de Ensino Presidente Dutra, e agora já funciona nos turnos matutino e vespertino.

Foi a partir daí que a escola passou a atender os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, como um anexo da escola Aniceto Cantanhede, localizada na sede do município, recebendo alunos não só do povoado, mas, também, de outros povoados vizinhos

No final da década de 90, o Sistema Municipal de Ensino passa por um processo de reestruturação da rede, foi então que a Unidade de Ensino Presidente Dutra transformou-se em Escola-Polo, agregando as escolas Unidade Escolar Valter Pestana Pinheiro (povoado Boa Vista), Escola Municipal Pascoal Furtado (povoado Calhau), Escola Municipal João Araújo Almeida (povoado Ponta do Soares), Escola Municipal Santo Antônio (Povoado Suaçuí) e Escola Municipal Horácio Ribeiro (Povoados Embotíua e Quindíua de Baixo), como seus anexos, passando assim a designação de Unidade Integrada Paricatíua, atendendo os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em todas as modalidades, distribuídas nos turnos matutino, vespertino e noturno, inclusive com a modalidade Educação de Jovens , Adultos e Idosos (EJAI).

4.1.2 A Estrutura Administrativa e Pedagógica

Atualmente, a Unidade Integrada Paricatíua tem seu corpo técnico administrativo composto por 1 Gestora Geral, 1 Coordenador Pedagógico, 19 professores, 2 Agentes Administrativos, 11 Auxiliares Operacionais de Serviços Diversos e 3 Vigias, sendo a maioria pertencente ao quadro de efetivos da instituição.

A UIP atende a uma clientela de 221 alunos, sendo 46 da Educação Infantil, 80 dos anos iniciais e 95 dos anos finais do Ensino Fundamental, distribuídos em total de 11 turmas, nos turnos matutino e vespertino, sendo que os sujeitos da nossa pesquisa estão entre os 95 dos anos finais.

É importante ressaltar que, a referida escola, assim como as demais da rede, não possui uma proposta pedagógica própria, mas segue a proposta da rede municipal de ensino que retrata a concepção educacional correspondente ao ideário progressista, que desconstrói as visões lineares tradicionais que hierarquizam a relação professor-aluno e as relações institucionais com um currículo distante da realidade, e defende um currículo flexível, com

identidade e autonomia nos termos da LDBEN, com um trabalho pedagógico dinâmico construído e vivenciado em todos os momentos por todos os envolvidos.

Além disso a escola campo faz uso de alguns métodos inovadores, a exemplo do planejamento administrativo feito a cada início de ano letivo, envolvendo o gestor geral, o coordenador pedagógico, os professores, os funcionários administrativos e operacionais, os pais e os alunos, como um dos requisitos para um planejamento eficiente defendido por Maseto (1997, p.76,77), o qual afirma que é “necessário que todos os elementos que integram a escola estejam envolvidos: entidade mantenedora, direção, professores, pais de alunos e funcionários, com um sentido de parceria e de corresponsabilidade”, além do trabalho com projetos didáticos e sequências didáticas.

Em relação ao planejamento, este acontece em três dimensões: o plano anual, com a seleção de conteúdos que, possivelmente, serão trabalhados no decorrer do ano letivo; o plano bimestral, que é a seleção dos conteúdos programáticos a serem trabalhados periodicamente, através das sequências didáticas e dos projetos didáticos, valorizando-se as datas comemorativas e as festividades cívicas e religiosas, além de outros temas de interesse da comunidade e por último, temos os planos semanais e as rotinas diárias, com a descrição detalhada das atividades para cada aula dada, sendo flexíveis às mudanças necessárias.

O processo avaliativo da referida escola dar-se de forma sistemática e continua considerando-se tanto os aspectos qualitativos como os quantitativos, baseada nos três tipos de avaliação:

- Avaliação diagnóstica que, normalmente, é feito quando o aluno chega na escola, em geral no início do ano letivo. Esse tipo de avaliação é fundamental para o professor conhecer melhor seus alunos, e identificar as habilidades que seus alunos precisam desenvolver e a partir daí, definir seus objetivos e selecionar os conteúdos a serem trabalhados para se alcançar tais objetivos, mas sobretudo, para assegurar que o aluno foi corretamente enturmado e que tem condições de cursar a série na qual se matriculou.
- Avaliação formativa propõe uma aprendizagem como processo, ou seja, é uma avaliação feita para garantir as aprendizagens, para a redefinição de um planejamento contínuo. Além disso, serve para que os professores programem intervenções que atendam à diversidade de necessidades

pedagógicas de sua turma, considerando que a turma sempre será heterogênea.

- Avaliação somativa, que permite ao professor ter uma noção objetiva ao final de um determinado período letivo, de onde o aluno chegou. Nas escolas, de modo geral, a avaliação somativa serve de base para a decisão tomada no final do ano para deliberar sobre a promoção ou retenção dos alunos.

Como deu para perceber, essa escola adota três tipos distintos de avaliação, que acontecem no início, no meio e no final do processo ensino aprendizagem, fazendo uso dos seguintes instrumentos: diagnóstico inicial, trabalhos individuais e coletivos, simulados das avaliações externas, fichas de acompanhamento individual, provas escritas com questões objetivas e subjetivas, seminários, pesquisa e defesa, auto avaliação e recuperação paralela, quando necessário.

4.1.3 Estrutura Financeira

Os recursos financeiros com os quais a escola é mantida, são provenientes do Programa Dinheiro Direto na Escola –PDDE, destinado a aquisição de materiais pedagógicos, de conservação do ambiente escolar e alguns equipamentos escolares e do Programa Mais Educação, uma estratégia do Governo Federal que integra ações do Plano de Desenvolvimento da Educação, (PDE), objetivando a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

O apoio financeiro do programa Mais Educação destina-se as escolas das redes municipais (que é o nosso caso), estaduais e do Distrito Federal, que possuem alunos matriculados no Ensino Fundamental.

O montante de recursos destinados a cada escola é repassado por intermédio do Programa Dinheiro Direto na Escola-PDDE/Educação Integral, em conta bancária específica, aberta pelo FNDE no banco e agência indicado no cadastro da entidade no PDDE web, em nome da Unidade Executora própria (UEX), da APM representativa da unidade escolar.

Os recursos, transferidos por intermédio do PDDE/Integral para implementação do Programa Mais Educação, destina-se:

Custeio:

- Ressarcimento com as despesas de transporte e alimentação dos monitores responsáveis pelo desenvolvimento das atividades;
- Aquisição dos materiais pedagógicos necessários as atividades, conforme os kits sugeridos;
- Aquisição de outros materiais de consumo e/ou contratação de serviços necessários ao desenvolvimento das atividades de educação Integral.

Capital:

- Aquisição de bens ou materiais, de acordo com os kits sugeridos, além de outros bens permanentes necessários ao desenvolvimento das atividades.

É importante enfatizar que, tanto o recurso do Mais Educação quanto do PDDE, é classificado nas categorias de custeio e capital, que de certa forma, dão a escola a autonomia para administrar seus próprios recursos.

Abrimos um parêntese para esclarecer que, os recursos referentes ao mais Educação já foram aplicados nas respectivas atividades e no momento a escola não está realizando nenhuma atividade relacionada ao programa, porém a Secretaria Municipal de Educação já fez a adesão ao Novo Mais Educação, previsto para voltar a funcionar a partir de 2017.

A escola também faz parte do PDDE Interativo, sistema que agrega programas que trabalham sob a égide do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), transportando-os para uma plataforma única, assim, passam a fazer parte do sistema os seguintes programas do MEC: PDE Escola, Atleta na Escola, Ensino Médio Inovador (PROEMI), Mais Educação, Escolas do Campo, Escolas Sustentáveis e Água na Escola.

Os objetivos primordiais do PDDE Interativo, são facilitar a adesão de diretores escolares aos programas do MEC, centralizando informações relativas às diferentes ações (como prazos, listas de escolas priorizadas e informações de login); fomentar a participação da comunidade escolar nas decisões sobre a destinação dos recursos PDDE, condicionando o recebimento desses recursos à elaboração da metodologia de planejamento participativo.

É válido enfatizar que, até o momento a escola não recebeu nenhum recurso advindo do PDDE Interativo, apesar de já ter realizado todas as etapas previstas pelo

programa: identificação, primeiros passos, diagnóstico e plano geral, estando no aguardo da liberação do recurso.

4.1.4 Relações Disciplinares

No que tange às questões disciplinares, é oportuno frisar que, a escola campo ainda não possui um regimento interno, documento norteador dos direitos, deveres e proibições de todo o pessoal que compõe a comunidade escolar, como o gestor, os docentes, os funcionários não docentes, e principalmente os discentes, mas orienta-se pelo contrato pedagógico, com as regras de convivência elaboradas a cada início de ano letivo pelos alunos, professores e equipe gestora, as quais são posteriormente aprovadas pela Associação de Pais e Mestres, em assembleia geral, passando a ser conhecidas, partilhadas e, se possível, negociadas por todos.

Todavia, o Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino do Município de Bequimão está em fase de elaboração, e conforme informações da SEMEDe do CME, esse documento será, dentro em breve, apresentado aos servidores e ao sindicato da categoria para aprovação e validação pela Câmara Municipal de Vereadores e será a base para as escolas da rede construírem seus próprios regimentos, levando em consideração todas as suas peculiaridades.

Talvez esse seja um dos fatores responsáveis pelo elevado índice de indisciplina observado nessa escola, principalmente, nos anos finais do Ensino Fundamental, pois sem um documento oficial, pautado nas leis superiores em vigência, que imponha respeito e obediência, os alunos ficam sem limites e à vontade para fazerem o que quiserem. Daí a importância de um documento com os procedimentos preventivos e punitivos para cada situação.

Portanto, mesmo em meio a um contexto de dificuldades, a instituição segue firme no propósito de cumprir sua função social, e de promover mudanças significativas no âmbito da formação integral do ser humano, a fim de torná-los cidadãos autênticos, conscientes de suas responsabilidades sociais e aptos a desenvolver suas atividades com eficácia.

4.2 Os Sujeitos da Pesquisa

Considerando que o objetivo principal da pesquisa é compreender as possíveis causas da motivação para a indisciplina, observada nas turmas dos anos finais do ensino fundamental da UIP, e chegar à resultados, o mais próximo possível da realidade investigada, achamos conveniente aplicar os questionários, com todos os professores dessas turmas, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. E pelas informações oferecidas, a maioria possui vasta experiência na área educacional, uns com mais de vinte e outros entre quinze a vinte anos de docência e, apenas uma minoria com menos de cinco anos de experiência profissional e destes podemos contar com cinco especialistas, dois graduados e apenas um com nível médio e, somente dois prestando serviços temporários. Confirma na tabela abaixo:

O fato de termos um professor atuando nos anos finais, a título precário, justifica-se pela insuficiência do número de profissionais com formação acadêmica superior para atender a demanda da comunidade e, como esse profissional pertence ao quadro efetivo da instituição, na função de vigia, foi convidado para substituir, temporariamente, uma professora que se afastou da função para tratamento de saúde.

PERFIL DOS DOCENTES					
Docente	Anos de Docência	Sexo	Vínculo	Nível de Formação	Área de formação
A	De 11 a 20	Masc.	Efetivo	Superior com Especialização	Matemática
B	De 11 a 20	Masc.	Efetivo	Superior com Especialização	Matemática
C	Mais de 20	Fem.	Efetivo	Superior com Especialização	Pedagogia
D	Mais de 20	Fem.	Efetivo	Superior com Especialização	Pedagogia
E	Mais de 20	Fem.	Efetivo	Superior com Especialização	Ed. Religiosa
F	Menos de 5	Masc.	Efetivo	Nível Médio	Ed. Geral
G	Menos de 5	Masc.	Contatado	Superior Graduação	Pedagogia
H	Menos de 5	Fem.	Contatado	Superior Graduação	Pedagogia

Como o objeto de estudo desta pesquisa tem tudo a ver com os discentes, não poderíamos deixar de ouvi-los, pois como afirma Silva (2010),

Ouvir os alunos e analisar suas falas é uma tarefa importante, significativa e muito gratificante, pois é assim que buscamos descobrir seus interesses e os significados que atribuem ao contexto vivenciado por eles, nos orientando de certa forma sobre o melhor caminho a seguir em nosso fazer pedagógico. Esse é um modo de buscar nossas respostas direto na fonte (SILVA, 2010, p.67,68).

Na impossibilidade de acessar todos os alunos das referidas turmas, fez-se a opção de tomar como amostra dos sujeitos para essa pesquisa, apenas, vinte alunos para responder os questionários, os quais foram selecionados pelos professores nas quatro turmas. O critério utilizado na seleção, foi o grau de indisciplina, assim estaríamos atingindo os alunos considerados os maiores responsáveis pela indisciplina, na concepção dos professores.

4.3 A análise dos resultados da pesquisa

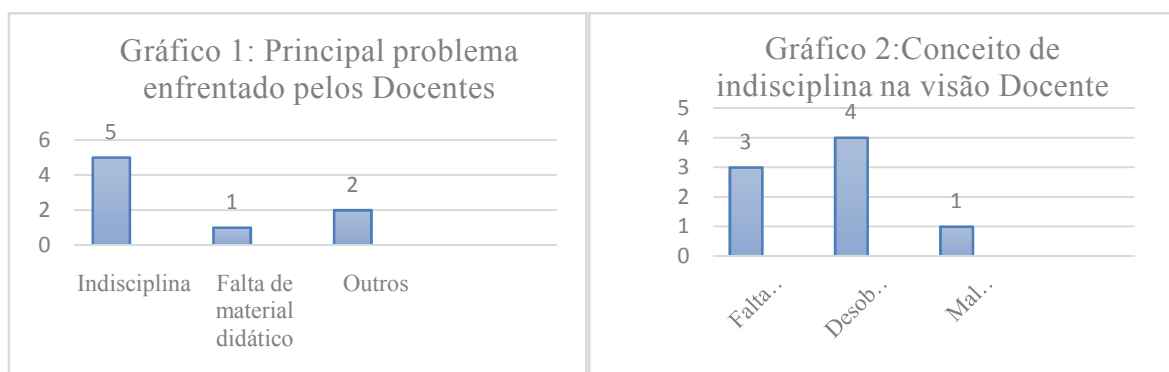
Antes de apresentarmos os resultados da pesquisa, é preciso que fique entendido que:

As mensurações quantitativas, tanto quanto as tematizações ou categorizações qualitativas (com base em observações cursivas, entrevistas, questionários abertos, depoimentos etc.) **são aproximações do fenômeno** a ser estudado e o problema levantado, não são o próprio fenômeno, são um tipo possível de tradução deste sob certas condições, são abstrações que devem ter assegurada sua validade, de alguma forma. **Lembramos, então, que todas as formas de obtenção de informações e de dados são criadas, inventadas, consensuadas e não podem ser tomadas como a própria natureza das coisas, muito menos a totalidade da realidade** (GATTI, 2012, p. 30, o grifo é nosso)

A primeira pergunta feita aos professores, foi: qual o maior problema enfrentado por você no exercício da docência? De modo que, 62,5% citaram a indisciplina como sua maior dificuldade, outros 12,5% veem a falta de material didático como sendo o maior problema para exercerem a função docente e 25% apontam outros problemas. Esse resultado comprova que realmente a indisciplina é um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas, na contemporaneidade, no mundo inteiro, como declara Vasconcellos (2009). Confira os dados no gráfico 1

Quando questionados sobre o conceito de indisciplina, as respostas foram quase similares. Na visão dos professores indisciplina é a “desobediência as regras impostas pela

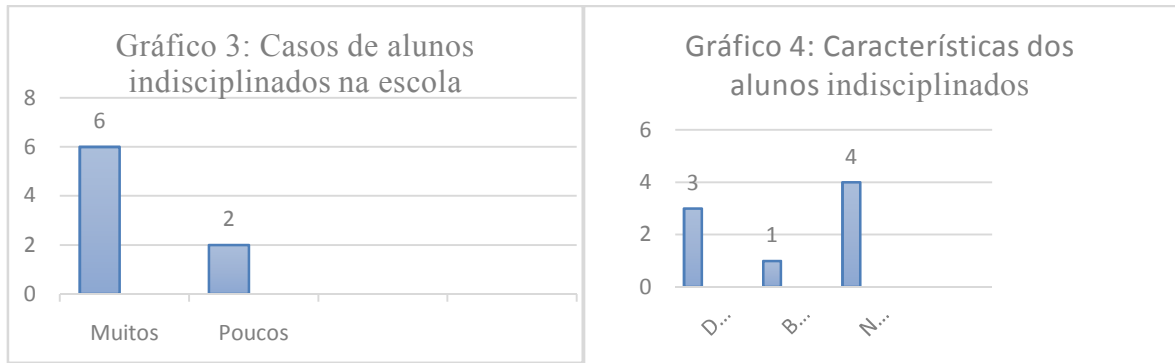
escola” (50%), e ainda a “falta de respeito com o professor e com os colegas” (37,5%) e “falta de atenção e mal comportamento” (12,5%). Veja no gráfico 2.



Em relação a existência de alunos indisciplinados nas salas de aula, 75% dos docentes afirmam que existe um número considerável de alunos apresentando comportamento indisciplinar, os outros 25% atestam a existência de alunos indisciplinados, mas em um número bastante reduzido, na concepção deles. Confira os dados no gráfico 3

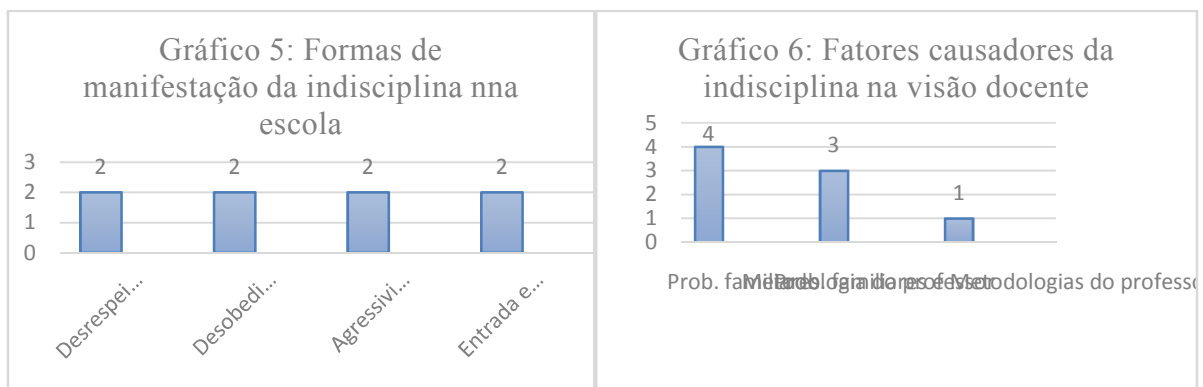
E confrontando as respostas dos docentes referente a essa pergunta com as observações feitas durante suas aulas, temos que concordar com as ideias de Garcia (1999) e de Golba (2009) que atribuem a indisciplina dos alunos ao mal gerenciamento da sala de aula, à relação professor-aluno ou à metodologia dos professores, pois de fato esses 25% que disseram que existe um número muito pequeno de alunos indisciplinados, são aqueles que usam metodologias diferenciadas nas aulas, que tem domínio de turma e um bom relacionamento com seus alunos e são os mesmo que responderam que a indisciplina não é o seu maior problema docente.

No que se refere à identificação dos alunos ditos indisciplinados, os professores responderam: “são aqueles que não respeitam colegas e professores” (37,5%), “são alunos bagunceiros e desordeiros” (12,5%), “são aqueles que não cumprem as regras” (50%). Suas respostas restringem a indisciplina apenas à dimensão comportamental, mencionada por Garcia (1999). Veja os dados no gráfico 4



Quando a questão é a forma de manifestação da indisciplina no ambiente escolar, as respostas dos professores variam bastante, uns apontam “desrespeito aos colegas e professores e palavrões” (25%), outros dizem que é através de “contendas e agressividade entre os alunos” (25%), outros declaram que é na forma de “desobediência às regras estabelecidas” (25%) e, ainda, um outro grupo diz que é através da “saída e entrada sem controle da sala de aula, sem a permissão do professor” (25%). Confira no gráfico 5.

Quanto aos fatores causadores da indisciplina, os professores apresentam respostas muito similares, metade deles dizem que são “os problemas familiares” (50%), outros dizem que “não são apenas os problemas familiares, mas também os problemas metodológicos” (37,5%), e uma outra parcela atribui como causa desse problema, apenas “as questões metodológicas” (12,5%). Veja os dados no gráfico.6

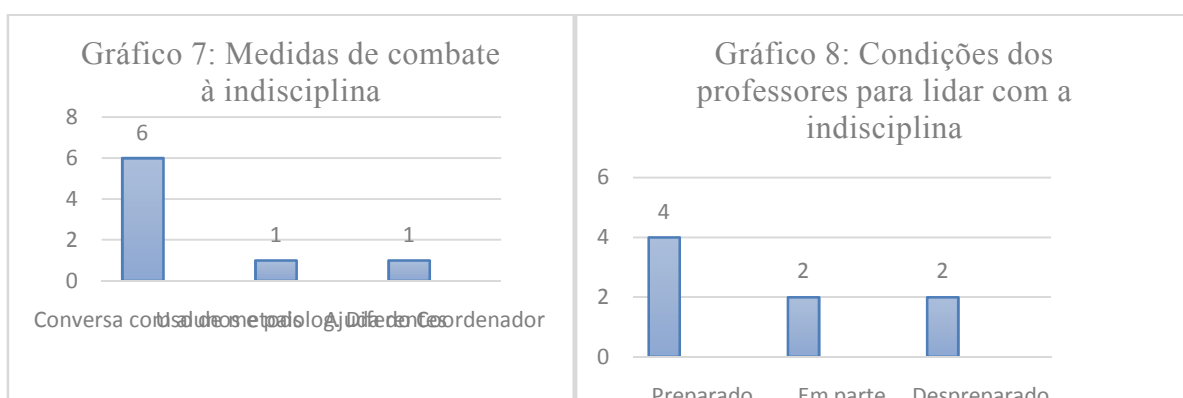


Esses dados contribuem com a confirmação da nossa tese de que os professores para fugir da responsabilidade com a indisciplina dos alunos apontam como causa principal, fatores externos, como os problemas familiares, enquanto que os alunos apontam a metodologia dos professores com aulas desinteressantes, como a principal causa do problema, nesse caso, indicam fatores internos ao ambiente da sala de aula.

Quando interrogados sobre as medidas tomadas por eles para minorar a indisciplina de seus alunos, eles informaram diversas estratégias, das quais ganharam destaque: conversa com pais e alunos (75%), uso de metodologias diferenciadas (12,5%) e trabalho coletivo com o coordenador pedagógico da instituição (12,5%). Veja nos gráficos 7.

Percebe-se, nos relatos dos professores que as medidas adotadas por eles não têm surtido muitos efeitos positivos e as conversas que eles dizem ter com os pais e alunos, ocorrem nas reuniões de pais e mestres e nos casos mais extremos, nas mesas redondas ou nas visitas domiciliares adotadas pela escola para esse tipo de situações. Mas talvez o que esteja precisando para melhor a situação é haver “uma postura comum entre os profissionais da escola” (GARCIA, 1999, P.105), onde todos tenham os mesmos ideais e falem a mesma língua e os professores superarem aquilo que Vasconcellos (2009), chama de terceirização dos problemas disciplinares, de modo que cada segmento assuma suas responsabilidades.

Uma outra pergunta importante feita aos docentes, sujeitos da nossa pesquisa, foi se eles se sentem preparados para lidar com a indisciplina onde, metade deles (50%) disseram que sim e atribuem isso aos anos de experiência na área educacional, outros 25% admitem que não se sentem preparados, e esse despreparo, também, pode estar relacionado com a tempo de experiência docente. E temos ainda, uma outra minoria (25%) que se diz preparada, em parte, e isso deve-se as constantes mudanças pelas quais a escola e a sociedade tem passado, exigindo que o docente acompanhe essa evolução, assim uma medida utilizada para resolver uma situação disciplinar hoje, não mais servirá para resolver outra, amanhã. Observe no gráfico 8.

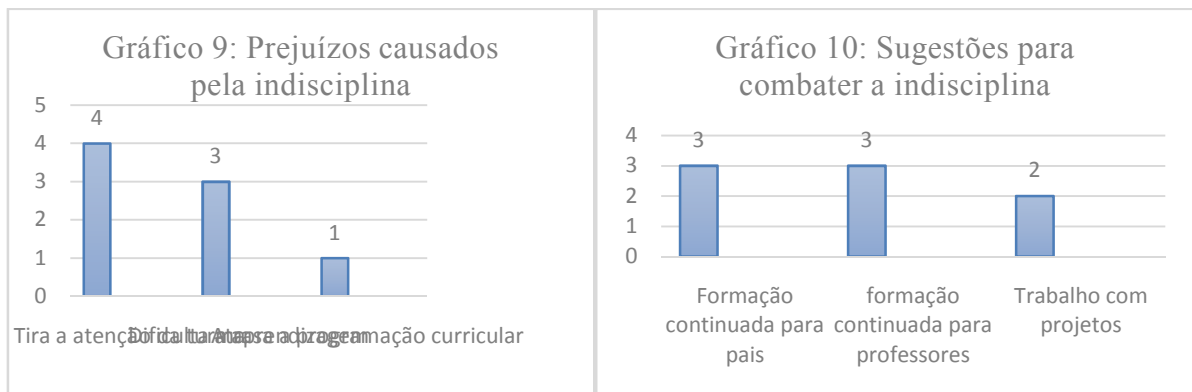


Quando perguntamos se a indisciplina prejudica o aprendizado dos alunos a resposta afirmando que sim foi unânime e ainda apontaram os principais prejuízos, a saber;

“tira a atenção de todos os alunos, indisciplinados ou não” (50%), “atrasa a programação curricular” (12,5%) e “dificulta a aprendizagem” (37,5%). Confira os dados no gráfico 9.

E por fim lhe pedimos sugestões para que o coordenador e o gestor possam está ajudando no combate à indisciplina, e as sugestões foram diversas, e nos chamaram bastante a atenção. Uma muito interessante é que “ao invés de reuniões de pais, devem ser organizadas, pela escola, formação continuada para os pais com temas correlacionados com a indisciplina, como cuidados com os filhos, por exemplo” (37,5%), outra sugestão foi “que a escola continue e priorize o desenvolvimento do trabalho didático com projetos que envolvam a família e a escola nas atividades desenvolvidas (teatro, música dança e poesia)” (25%), como é o caso do projeto Natal da UIP, desenvolvido pela escola campo o qual envolve alunos funcionários e comunidade local na programação da festa, realizada à noite nas vésperas do Natal.

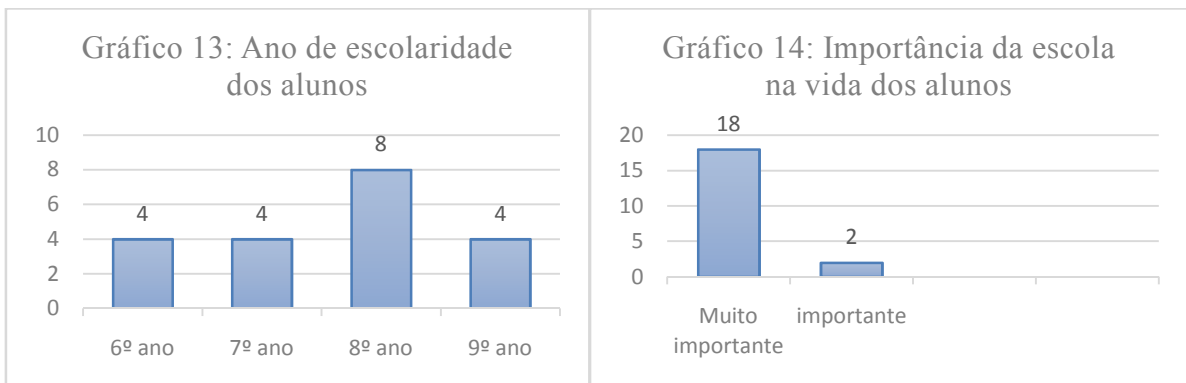
Uma terceira sugestão foi a “formações continuadas e reuniões pedagógicas com os professores, com temas que atendam às necessidades mais imediatas” (37,5%), como gestão da sala de aula, indisciplina, o uso dos recursos tecnológicos na sala de aula, dentre outros, que possam ajudar os professores a melhorarem suas práticas e os alunos na aprendizagem prazerosa e significativa. Confira os dados no gráfico 10.



Em relação aos alunos selecionados, para participar da nossa pesquisa, é válido salientar que, estão na faixa etária entre 10 a 15 anos, e a maioria é do sexo masculino, conforme gráficos a seguir:

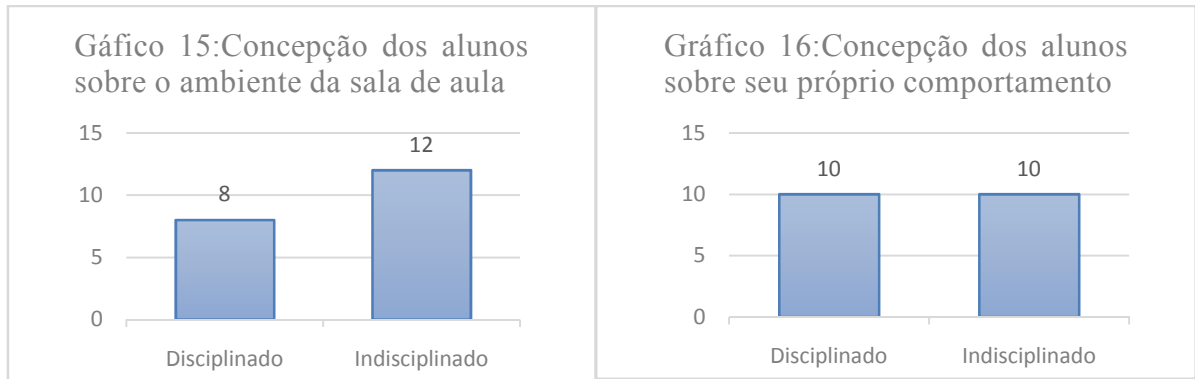


A maioria desses alunos classificados como indisciplinados estão devidamente matriculados no 8º ano, (ver gráfico 13), essa informação confere com as observações feitas durante as aulas e com as queixas dos professores que afirmam que essa turma é a mais indisciplinada e, acrescentam ainda, que esses alunos apresentam esse comportamento, desde o 6º ano de escolaridade. Quanto à importância da escola em suas vidas, 90% declaram ser muito importante e os outros 10% afirmam que a escola não é tão importante assim. Veja no gráfico 14.



Em relação à análise do ambiente da sala de aula, 40% dos alunos consideram sua sala disciplinada, já 60% deles admitem que sua turma é indisciplinada, sim e alguns até reconhecem que são os responsáveis por essa indisciplinada, é o caso dos 50% que se consideram indisciplinados.

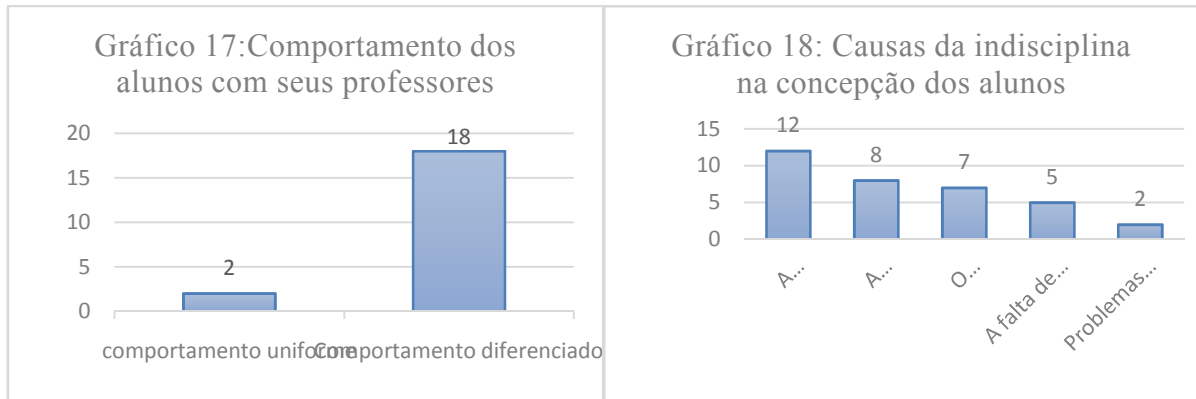
Por outro lado, tem aqueles que, mesmo estando entre os vinte mais indisciplinados, na visão dos professores, consideram ter excelente comportamento, esse grupo corresponde a 50% dos pesquisados. Confira os resultados nos gráficos que seguem.



Com relação ao comportamento adotado na escola, é notório que os alunos apresentam comportamento diferenciado com os professores, com alguns são totalmente indisciplinados, com outros, prestam atenção, fazem silêncio, participam da aula, questionam, enfim, há uma relação completamente equilibrada, com interação e troca de conhecimentos. Esse é um fato observado em todas as escolas, e não precisa muito para perceber isso, basta observar.

Partindo desse pressuposto, indagamos os alunos sobre essa questão, ou seja, sobre a forma de comportamento com os professores, na sala de aula e 90% dos discentes afirmam que seu comportamento varia de professor para professor, os outros 10% restante, tentando se esquivar de assumir seus erros e afirmam, muito timidamente, que apresentam comportamento uniforme com todos seus professores, mesmo sabendo que isso não é verdade. Veja os resultados no gráfico 17.

Outro questionamento feito com os alunos diz respeito às principais causas da indisciplina na sala de aula e dentre as causas citadas por eles estão: a metodologia adotada pelos professores com aulas desinteressantes (60%), a organização da escola (40%), o desinteresse que têm pela escola (35%), a falta de punições mais severas para os alunos com comportamento indisciplinar (25%) e em último lugar, foram citados os problemas familiares (10%). Conferir no gráfico 18.

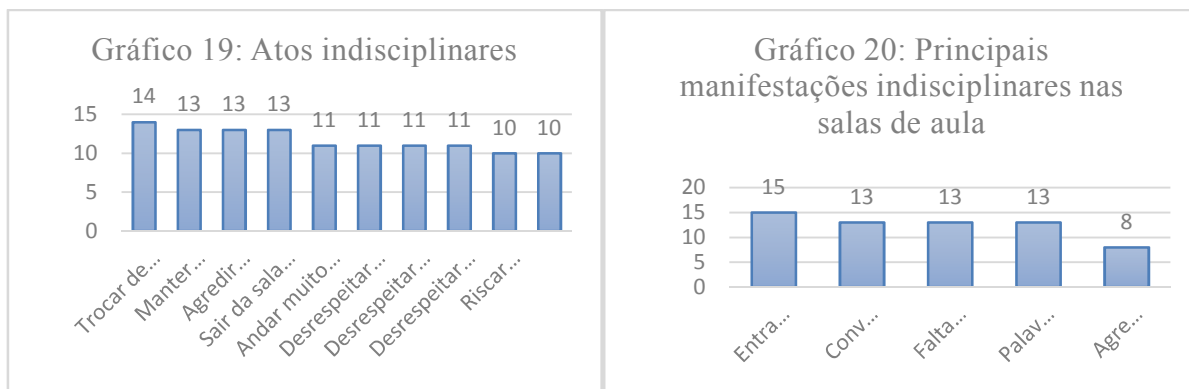


Como mostra o gráfico 18, a principal causa da indisciplina, na concepção dos estudantes está intimamente relacionada com a forma que os professores utilizam para ministrar suas aulas e, com certeza, eles têm razão pois, infelizmente, muitos educadores ainda se utilizam de procedimentos metodológicos tradicionais e desinteressante, que além de ultrapassados, não despertam o interesse dos alunos e não os desafiam a raciocinar, nem tão pouco possibilitam a construção de novos conhecimentos.

O resultado disso, é o aluno ficar entediado e desmotivado para participar da aula e, conseqüentemente, para aprender e, não participando da aula, ficará ocioso e aluno ocioso é indisciplina na certa, a qual pode se manifestar de várias maneiras.

Em relação as formas de manifestação da indisciplina, os alunos indicaram várias que, em suas opiniões, são considerados atos indisciplinares, como, por exemplo: troca de mensagens e papezinhos durante a aula (70%), Conversas paralelas durante as aulas (65%), agressão física aos colegas e professores (65%), saída da sala sem a permissão do professor (65%), desrespeitos aos colegas (55%), desrespeito aos professores (55%), andar muito na sala durante a aula (55%), desrespeitar as regras estabelecidas (55%), riscar paredes e móveis da escola (50%) e não realizar as tarefas da aula (50%). Lembramos que nesta questão os alunos assinalaram mais de uma opção. Veja no gráfico 19.

Dentre os atos indisciplinares elencados pelos discentes, existem alguns que aparecem com maior frequência nas suas salas de aula, vejamos quais são eles: entrada e saída sem controle (75%), conversas paralelas e em voz alta durante as aulas (65%), falta de respeito com os professores (65%), palavrões e xingamentos (65%), agressão aos colegas de classe (40%), desrespeito às normas de convivência estabelecidas no interior da escola (40%). Nesta questão os alunos também podiam assinalar mais de uma opção. Confira no gráfico 20.



Quando perguntamos aos alunos sobre o tipo de aula que os deixam mais motivados e interessados, eles afirmaram que as metodologias que mais lhes motivam são: a realização de trabalhos em grupo com pesquisa e defesa (70%), aula com uso de jogos didáticos (65%), aula com recursos multimídia (60%) e impressionante é que ainda existem alunos que se motivam com as aulas expositivas (30%). Nesta questão os alunos optaram por mais de uma alternativa. Confira no gráfico 21.

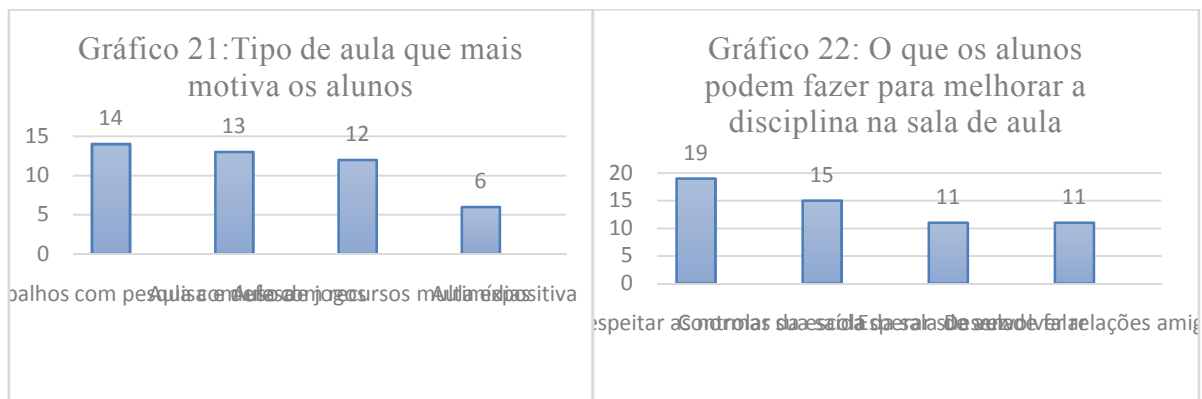
Nesse entendimento, fica evidenciado que a responsabilidade pela motivação e participação dos alunos na aula pode está nas mãos do professor, pois é ele quem decide a forma como vai abordar os assuntos em turma, e a opção pelos métodos tradicionais, as vezes, deve-se ao simples fato de exigir menos tempo para preparação, sendo mais cômodo para o professor, mas, o que ele não estão querendo admitir, é que o uso das técnicas diferenciadas em sala de aula podem deixar esse ambiente mais atrativo e propício à aprendizagem, assim o que parece ser prejuízo, no presente, para o professor, se converterá em benefícios futuros.

Sabendo que o processo educativo se dar por meio da interação e que a indisciplina em sala de aula pode comprometer a relação professor-aluno, é interessante que o professor motive seus os alunos a contribuírem com melhoria do ambiente da sala de aula pois,

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo. (CONCEIÇÃO, 2013,p.15).

Na concepção da autora, os espaços pedagógicos, favorável à aprendizagem significativa é construído pelo professor e por seus alunos, em conjunto Por esse motivo, perguntamos aos discentes o que eles podem fazer para contribuir com a disciplina na sala de

aula e os mesmos apontaram várias sugestões, dentre as quais destacamos: respeitar as normas estabelecidas pela escola (95%), sair da sala somente no horário do intervalo ou com a permissão do professor (75%), esperar sua vez para falar durante a aula (55%) procurar desenvolver relações amigáveis com seus colegas de classe e demais alunos da escola (55%). Nesta questão os alunos apontaram mais de uma sugestão. Confira no gráfico 22.



Nesse sentido, é possível assegurar, sem medo de errar, que a relação que se estabelece entre professores e alunos é um componente essencial no processo pedagógico e é dever do professor cuidar para que essa relação se torne, a cada dia, o mais amigável e harmoniosa possível, isso faz parte do ofício docente e, em conformidade com o pensamento de Conceição (2013, p. 15), esse ofício “ exige a negociação constante, quer com relação aos objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos”.

Na visão da autora, o regime de negociação, pode ser considerado um método preventivo contra a indisciplina escolar, bem diferente do regime de imposição, o qual só causa descontentamento e revolta nos alunos. Por esse motivo, bem melhor do que exigir comportamento disciplinar exemplar é promover o desenvolvimento da autodisciplina.

Para tanto, Barbosa (2009), considera “ser imprescindível a adoção de uma nova práxis docente, com vistas a auxiliar os alunos na construção da tão desejada autodisciplina, missão desafiadora, mas não impossível para aqueles verdadeiramente comprometidos com a nobre tarefa de educar” (BARBOSA, 2009, p. 4839).

Dessa forma, o professor precisa considerar-se agente de transformação, primeiramente de si mesmo, e conseqüentemente, do outro e do espaço à sua volta. É óbvio que sozinho, ele não poderá mudar uma realidade maior, como a sua cidade, o seu estado ou o seu país, mas, com certeza, ele será capaz de mudar a realidade da sua sala de aula e quando ele conseguir fazer isso, com certeza já estará fazendo muito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a oportunidade para refazer o caminho percorrido durante a realização de um trabalho de pesquisa é, antes de tudo, uma possibilidade de reconhecer que os trabalhos dessa natureza nunca estarão definitivamente concluídos, ao percebermos que algumas coisas não foram ditas, ou foram ditas, mas não foram compreendidas como deveriam, apontando sempre para novas buscas e para outras reflexões. Por isso, esse tipo de trabalho exigirá sempre o olhar atento de outros examinadores, proporcionando a ampliação da discussão do tema pesquisado, com novas reflexões e problematizações, as quais darão origem a novas pesquisas.

Nesse entendimento, muitas constatações foram feitas a partir da análise criteriosa de cada etapa deste trabalho, desde a revisão da literatura disponível, até a pesquisa propriamente dita, que foi a aplicação dos questionários, seguido da tabulação e análise dos resultados, buscando entender a realidade investigada.

A primeira das constatações, é que a produção acadêmica brasileira sobre a indisciplina escolar na sala de aula, ainda que bastante ampla em relação ao número de publicações feitas, pode ser considerada insuficiente diante da complexidade e da intensidade com que os problemas indisciplinares têm sido vivenciados nas escolas, exigindo assim, a ampliação das produções científicas nessa área.

É válido enfatizar que, neste trabalho temos, apenas, um breve panorama com parte da produção existente sobre a temática, sendo que a literatura brasileira publicada sobre a temática em foco é bem mais vasta, mas as referências aqui utilizadas foram suficientes para alcançarmos os objetivos previstos.

Diante da complexidade dos problemas indisciplinares vivenciados no ambiente escolar, são muitos os desafios a serem enfrentados e um dos maiores, “é o resgate do professor como sujeito de transformação: acreditar que pode, que tem um papel a desempenhar muito importante, embora limitado. Acreditar na possibilidade de mudança do outro, de si e da realidade” (VASCONCELLOS, 1997, p.237). Sem vencer esse desafio será impossível vencer qualquer outro, muito menos mudar a realidade.

E pelo caráter complexo que envolve as questões disciplinares, o fenômeno da indisciplina escolar não pode ser entendido como um problema particular, de um único indivíduo e, por essa razão, não poderá ser resolvido de maneira individualizada, nem por um único segmento que compõe a comunidade escolar. Daí a necessidade de uma aproximação

maior entre a escola, a família e os demais envolvidos na comunidade educativa, visando um trabalho integrado, que não se limite, apenas às discussões das dificuldades existentes no contexto escolar, mas que consigam fazer uso dessas novas concepções, para superar os métodos tradicionais utilizados para solucionar esse problema.

Nessa perspectiva, a pesquisa aponta para a necessidade de desenvolvimento de um trabalho baseado na corresponsabilidade, onde o coordenador pedagógico assume o papel de articulador desse trabalho, para promover a integração entre todos os segmentos que compõem a comunidade escolar, e mediar as relações interpessoais, para que todos entendam que o combate a indisciplina é uma tarefa coletiva, e como tal pressupõe a participação de todos: da escola, da família e da sociedade em geral e cabe a cada um fazer a sua parte ao invés de ficar esperando que o outro faça tudo sozinho.

Através dos resultados desta pesquisa, foi possível perceber também que, a origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores, os quais podem ser classificados em duas categorias, os fatores externos e os fatores internos e, as opiniões dos professores e alunos são bastante divergentes em relação a essas causas ou fatores. Enquanto os professores apontam os fatores externos como causa da indisciplina, os alunos enfatizam os fatores internos ao próprio ambiente escolar.

Conforme as opiniões dos alunos, os fatores internos têm origem dentro do ambiente escolar e estão ligados às questões relacionadas ao fazer pedagógico do professor, isto é, na forma como gerencia sua sala de aula, na relação com seus alunos, na organização da escola, na metodologia utilizada nas aulas, etc., nesse sentido a indisciplina é gerada no desenrolar do processo pedagógico

Na concepção dos professores, os fatores externos, como o próprio nome sugere, tem origem fora do ambiente escolar, podendo estar centrados na família ou mesmo em problemas psicoemocionais dos alunos, como a desestruturação da família, o convívio com pessoas de má índole, que acaba influenciando negativamente o comportamento do estudante na escola, dentre outros.

Em relação aos fatores internos, é recomendável que os educadores revejam suas práticas de ensino, buscando dominar não apenas a competência técnica, mas também a competência pedagógica, que, conforme enfatizamos em outro texto, é “saber fazer uso de estratégias metodológicas e recursos didáticos inovadores que facilitam a transmissão dos conhecimentos e contribuem de forma direta para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem”, mas é preciso que fique entendido que “a busca por metodologias e recursos

inovadores não pode ser encarada como a simples troca do método tradicional pela tecnologia, muito menos pode ser entendida como modismo,. Trata-se de uma necessidade urgente e de um desafio constante” (PEREIRA, 2009, p.38).

Embora seja difícil de entender e lidar com o problema da indisciplina, o professor não pode desistir nem se acomodar, é necessário que o mesmo busque apoiar a equipe gestora e nos demais envolvidos, sempre que achar necessário, tentando resolver o problema de forma inteligente e eficaz.

Apesar da tarefa árdua e complexa de conseguir corporificar tantas informações: históricas, teórico-metodológicas, filosóficas e políticas, em um único documento, este trabalho certamente contribuirá para o avanço do debate e da pesquisa, nessa área, mesmo admitindo o pressuposto de que uma pesquisa por si só, não consegue trazer todas as respostas para as nossas indagações, mas com certeza, ela apontará possíveis caminhos, que se não puderem resolver, pelo menos abrem espaços para novos debates e reflexões, para se repensar a prática atual no sentido de ressignificá-la.

É óbvio que não acertamos em tudo, o que é esperado do movimento dialético desse processo de construção. No entanto estamos convictos de que, embora enfrentando muitas dificuldades, conseguimos realizar um trabalho de qualidade, com a consecução do objetivo traçado no início do processo.

Assim sendo, parece-nos plausível, nesse dado contexto, deixar algumas sugestões que, aliadas a outras metodologias, ajudarão na prevenção e no combate da indisciplina na sala de aula e na aprendizagem dos alunos e do próprio professor.

É válido enfatizar que, essas metodologias deverão ser aplicadas após todo um trabalho de conscientização e reflexão com alunos, professores e familiares, a partir do diagnóstico da realidade. Essas ações a serem concretizadas poderão ser classificadas em dois grupos, a saber, as atividades intraclasse e as atividades extraclasse, aquelas que acontecerão dentro e fora da sala de aula, respectivamente.

As atividades extraclasse, deverão ser oferecidas no contra turno, e as intraclasse serão realizadas no próprio turno de estudo e, preferencialmente, paralelo as aulas normais. Dentre as atividades extraclasse oferecidas no contra turno, sugerimos: a) Atividades esportivas: futebol, voleibol, basquete, etc.; b) Atividades artísticas: dança, coreografia, canto coral, capoeira, teatro, artesanato, bijuteria, pintura, etc.; c) Atividades ligadas à tecnologia: Informática básica, digitação, designer gráfico, etc.

Já no que se refere às atividades intraclasse, destacamos: a) Monitoria dos grupos de trabalho: responsabilizando esses alunos, ditos indisciplinados, pelo acompanhamento e coordenação das atividades coletivas; b) Assistência de sala de aula: delegando a esses alunos a tarefa de organização da turma e auxiliar o professor no recebimento e entrega dos trabalhos, dentre outras.

Essas sugestões de atividades nos possibilitarão reflexões sobre os alunos que temos e os alunos que queremos, em termos de comportamento e participação, mas acredito que o nosso maior desafio será despertar no professor o desejo de mudança de si mesmo, do outro e da realidade, e isso só será possível se tivermos persistência e boa vontade e, acima de tudo, um esforço coletivo, onde todo o grupo almeje os mesmos objetivos.

Portanto, estamos convictos de que, dado o caráter de incompletude permeador de toda atividade humana, o documento apresenta lacunas que aceitam novas reflexões e sugestões. Mesmo assim, cremos ter sistematizado um instrumento orientador, tanto das práticas político-pedagógicas institucionais quanto da formação continuada dos professores, gestores, coordenadores pedagógicos e todos quantos se interessam pelo estudo e compreensão dessa temática.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina o contraponto das escolas democráticas**; São Paulo: Moderna, 2003.

_____, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. FDE/SP, 1998.n.p.

BARBOSA, Fernanda Aparecida Loiola. **Indisciplina escolar: diferentes olhares teóricos**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE, 9, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3, IASBEAS, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9394/96, de 2 de dezembro de 1996**. Publicada no Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996.

_____, **Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação: projeto básico**. Brasília, 2005.

_____, Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília-DF, MEC, 2013.

_____, Coordenação Geral de Gestão Escolar/DAGE/SEB MEC - Ministério da Educação. **Manual do PDDE Interativo** Brasília, 24/04/2013.

BRITO, Roseli. **Minicurso de Gestão da sala de aula**. Disponível em: www.sosprofessor.com.br,

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CONCEIÇÃO, Maria Cleonice da. **A indisciplina em sala de aula: estudo de caso na Escola Municipal Dr. Urbano Maria Eulálio do município de Picos-PI**. Universidade Federal do Piauí-UFPI, Picos, 2013.

FERNANDES, Maria José da Silva: **O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas. Afinal, o que resta a essa função?** S/d (PDF)

FONSECA, Jakeliny Pinheiro da. **Indisciplina na escola: saberes e fazeres pedagógicos no contexto escolar**. [S.l.: s.n.], 2014

GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** R. paran. Desenv. Curitiba, n.95, jan. /abr. 1999, p. 101-108.

GATTI, Bernadete A. **A construção metodológica da pesquisa em educação:**

Desafios. RBPAAE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan. /abr. 2012, p.13-34.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo. Brasil, 2008.

GOLBA, Mônica Aparecida de Macedo. **Os motivos da indisciplina na escola: a perspectiva dos alunos.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE, 9, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3, UNIVALE-PR, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5. ed. Revista e ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Paulo Gomes e SANTOS, Sandra Mendes dos. **O Coordenador Pedagógico na Educação Básica: desafios e perspectivas.** Edurece at educare - Revista da educação.vol.2, n 4, Jul. /Dez.2007. p.77-90.

MASETO, Marcos Tarciso. **Didática: A aula como centro.** 4.ed. São Paulo: FTD, 1997.

MENEZES, Maria Arlinda de Assis. **Do método do caso ao case: a trajetória de uma ferramenta pedagógica.** Educ. Pesqui. [online].2009,vol.35,n.1,pp.129-143.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022009000100009&Ing=pt&nrm=isso.

MERCADO, Elisângela. **O papel do Coordenador Pedagógico como articulador do processo ensino e aprendizagem: Reflexões sobre o Conselho de Classe.** Universidade Federal de Alagoas (UFAL), s.n.t.

MORAES, Silva Elizabeth. **Os buracos da lousa: reflexões sobre um tema de pesquisa.** Cad. Pesqui. [online].2006,vol.36,n.129,pp.653-672.Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000300008&Ing=pt&nrm=isso.

NAKASHIMA, Sérgio Kaoru. **O contexto da indisciplina nas séries do ensino fundamental.** Universidade estadual de Londrina, (s.n.t.).

PEREIRA, Cipriano Assunção Rodrigues. **Trabalho de Conclusão de Curso-TCC**. Bequimão, 2009.

PICADO, Luís. **A indisciplina em sala de aula: Uma abordagem comportamental e cognitiva**. Disponível em: www.psicoplogia.com.pt, O portal dos psicólogos, 2009.

PIMENTA, S. G. **Questões sobre a organização do trabalho na escola. Ideias**, São Paulo, v. 16, p. 78-83, 1993. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p078-083_c.pdf.

SETTE, S.S. **A Tecnologia contribuindo para uma escola cidadã- Por uma nova cultura de participação e democracia das elações da escola-** Série Retratos da Escola. Brasília: MEC/Salto para o futuro, 2005;

SGANZELLA, Natália Cristina Marciola. **O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental**. Revista Eletrônica de Educação e Ciências-REEC, vol.02, n.01 Mar/2012, p.44-53.

SILVA, Eliziane Gross da. **A indisciplina na visão do aluno**. FACOS-CNEC/OSÓRIO, [S.l. s.n.], 2010.p. 64-80.

SILVA, Rafael Rodrigues. **Disciplina Escolar e Gestão da sala de aula no Campo Educacional brasileiro**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 533-554, abr./jun.2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623646473>.

SILVA, L. C. **Disciplina e indisciplina na aula: Uma perspectiva sociológica**. 284f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FAEC7DAR7T/1/tese_em_pdf_luciano_campos_da_silva.pdf. Acesso em 6/6/2011.

TERRA, Ernani. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Rideel, 2014.

VASCONCELLOS, Celso S. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1993.

_____, C. S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Série Ideia n.28. São Paulo: FDE, 1997. p. 227-252.

_____, C.S. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIANNA, I. de Almeida. **A indisciplina participativa na escola: Um desafio a todos os brasileiros.** São Paulo: EPU. 2007.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

OBJETIVO: Obter dados relevantes sobre as causas da indisciplina nas turmas dos anos finais do ensino fundamental da escola Unidade Integrada Paricatíua, na perspectiva dos alunos dessas turmas, levando em consideração seus perfis sociais, condições de vida, comportamento e intencionalidade em relação aos estudos, cujos resultados serão divulgados na monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. GÊNERO

- () Masculino
() Feminino

1.2. IDADE

- () 10 a 12 anos
() 13 a 15 anos
() Mais de 15 anos

1.3. ANO DE ESCOLARIDADE QUE FREQUENTA

- () 6º Ano
() 7º Ano
() 8º Ano
() 9º Ano

2. Qual a importância da escola em sua vida?

- () Muito importante
() Importante

Pouco importante

Não tem importância alguma

3. Como você classifica o ambiente da sua sala de aula?

Disciplinado

Indisciplinado

4. Você se considera um aluno indisciplinado?

Sim

Não

5. Seu comportamento é igual com todos os seus professores?

Sim

Não

6. Quais as principais causas da indisciplina na sua sala de aula?

Problemas familiares

O desinteresse pela escola

A metodologia do professor (aulas desinteressantes)

A organização da escola.

A falta de punições mais duras

Outras: _____

7. Das situações a baixo, quais você considera como atos indisciplinados? (Pode marcar mais de uma opção).

Manter conversas paralelas com os colegas durante as aulas

Trocar mensagens e jogar papezinhos durante as aulas

Não acatar as ordens dos professores

Não realizar as tarefas da aula

Desrespeitar aos colegas

Desrespeitar aos professores

Agredir fisicamente aos colegas e professores

Sair da sala sem a permissão do professor

Riscar paredes, mesas e cadeiras da escola

Levantar muitas vezes e andar muito na sala de aula

Não respeitar as regras estabelecidas

8. Quais as principais manifestações da indisciplina na sua sala de aula? (Pode marcar mais de uma opção).

Conversas paralelas em voz alta durante as aulas.

Entrada e saída sem controle

Agressão aos colegas de classe

Falta de respeito com os professores

Desrespeito às normas de convivência estabelecidas no interior da escola

Falar palavrões e xingamentos

9. Que tipo de aula te deixa mais motivado e interessado?

Aula expositiva (aquela em que o professor apenas explica oralmente o conteúdo e o aluno pouco participa da discussão e depois é solicitado a resolução da atividade escrita)

Realização de trabalhos em grupo com pesquisa e defesa

Aula com uso de recursos e elementos multimídia (vídeo, computador, TV, data show, etc.).

Aula com uso de jogos didáticos.

10. Em sua opinião, o que os alunos podem fazer para contribuir com a disciplina em sala de aula? (Pode marcar mais de uma opção).

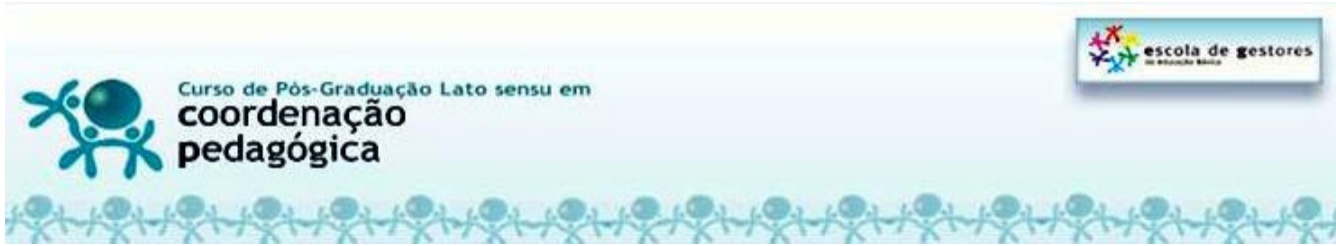
Respeitar as normas estabelecidas na escola

Esperar a sua vez para falar durante a aula

Desenvolver relações amigáveis com os colegas de classe e demais alunos da escola

Sair da sala apenas no horário do intervalo ou com a permissão do professor.

Outras: _____.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

OBJETIVO: Levantar informações relevantes sobre as causas da indisciplina dos alunos dos anos finais do ensino fundamental da Unidade Integrada Paricatúia e a forma como os docentes concebem e lidam com esse problema, seus perfis, e também suas experiências profissionais, cujos resultados serão divulgados na monografia, apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. SEXO

() Masculino () Feminino

1.2. VÍNCULO PROFISSIONAL

() Efetivo () Contrato Temporário

1.3. ANOS DE DOCÊNCIA

() Menos de cinco anos () De cinco a dez anos

() De onze a vinte anos () Mais de vinte anos

2. Qual o maior problema que você enfrenta no exercício da docência?

3. Na condição de Educador, como você define indisciplina?

4. Na sua escola e, mais precisamente, na sua sala de aula existem alunos indisciplinados? Como você caracteriza um aluno indisciplinado?

5. Quais as principais formas de manifestação de indisciplina na sua escola e na sua sala de aula?

6. Em sua opinião, que fatores contribuem para a indisciplina na sua sala de aula?

7. Enquanto profissional responsável pela gestão da sala de aula, o que você tem feito para resolver ou amenizar os problemas de indisciplina na (s) sua (s) turma (s)?

8. Você se sente preparado profissionalmente para trabalhar com as questões (in) disciplinares em sua sala de aula? Justifique sua resposta.

9. A indisciplina na sala de aula prejudica o aprendizado dos alunos? De que forma?

10. Como o Coordenador Pedagógico e o Gestor Escolar podem auxiliá-lo, diante dos problemas (in)disciplinares? _____
